

# Contexto

# PASTORAL

ANO VII • Nº 36

“O propósito da Missão é o engajamento por uma comunidade humana reconciliada em Cristo.”

Entrevista com o teólogo indiano Christopher Duraisingh  
Página 3



## “A serviço do Rei”

O neoliberalismo invade as igrejas

Páginas 5 a 8



## Editorial

## Começar de novo

Renovar, inovar, criar. Essas palavras — e o que representam — vêm acompanhando a equipe de CONTEXTO PASTORAL desde o momento em que se discutiu a proposta do jornal e foram dados os primeiros passos para concretizá-la. Isso já faz sete anos. Em todo esse tempo, ele procurou ser um jornal-painel em que estivessem contempladas diversas tendências teológico-pastorais dentro do cenário evangélico e ecumênico do Brasil e da América Latina. Os temas foram os mais diversos, alguns mais polêmicos que outros: teologia feminina, educação religiosa escolar, renovação litúrgica, sexualidade, missão da Igreja. Os autores, também, estão circunscritos num universo bastante variado, entre pastores, biblistas, teólogos, líderes ecumênicos e intelectuais ligados a movimentos diversos e com atuação destacada na sociedade civil.

Mas queremos mais. Nós e o público leitor. Foi isso que assinantes da publicação expressaram durante pesquisa realizada nos meses de julho, agosto e setembro do ano passado. A oportunidade não poderia ter sido mais propícia para que soubéssemos de fato quem era o nosso público e o que pensavam do jornal aqueles que nesse tempo vêm acompanhando nosso trabalho com seu apoio e com sua assinatura. Observações de cunho gráfico — mais fotos e ilustrações, diagramação mais leve, textos menores — se misturaram às sugestões relativas a temas a serem contemplados pela publicação e à criação de um espaço para maior participação dos leitores. Tudo isso — e muito mais — foi aprofundado e discutido para apresentarmos um projeto que viesse ao encontro das intuições dos leitores que, por diversas vezes, coincidiram com as nossas.

Por isso, a partir desta edição CONTEXTO PASTORAL está de "cara nova". A começar pelo logotipo. Nossa proposta, ao fazer uma atualização da obra de Michelangelo ("A Criação"), é dar ênfase à dimensão da horizontalidade da fé, em que Deus, mesmo sendo superior, se coloca lado a lado com homens e mulheres, como companheiro, amigo, solidário e redentor. Reforçamos também assim o compromisso com quem está do nosso lado e que, mesmo com credos diferentes, luta por construir um novo tempo baseado na

igualdade, na justiça e na dignidade do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Quanto à cor, além de ser mais leve que a anterior, abre a possibilidade de ser usada com melhor resolução gráfica em todo o corpo do jornal.

Outra novidade está relacionada à inserção de novas seções. Vamos tornar rotina o resgate de documentos, artigos, entrevistas e outras reflexões que foram elaborados tempos atrás mas que são de grande atualidade e importância dentro do cenário ecumênico e pastoral dos dias de hoje. Trata-se da seção "Memória". Além disso, propomos o "Debate", um espaço privilegiado para troca de idéias a respeito de temas variados; a "Agenda", que vai colocar o leitor em dia sobre os principais eventos do calendário ecumênico; e a "Liturgia", que trará informações sobre fatos e acontecimentos do calendário cristão.

Não esquecemos também um tratamento diferente ao bloco de análise. Nossa proposta é aliar a profundidade dos temas tratados, com imagens (fotos e ilustrações) e dados subsidiários (gráficos, boxes, quadros). Complementam isso as sugestões de leitura, que vão permitir uma inserção mais completa ao assunto apresentado.

Todavia, a mais importante revolução que desejamos fazer em CONTEXTO PASTORAL é uma participação mais efetiva dos leitores. Estamos privilegiando um espaço maior para a seção de opinião (Carta dos Leitores), e abrindo a oportunidade — isso é o que queremos — para que eles reajam aos textos, artigos e reflexões apresentados, seja para aprofundar o tema, seja para discordar dele. A publicação não quer ser apenas repassadora de informações, discussões e análises, mas deseja ser um canal de intercâmbio de idéias entre os leitores.

Todas essas novidades e outras que surgirão ao longo das edições estão presentes na nova proposta do jornal. Só uma coisa não muda: nosso compromisso de, por meio das informações e das discussões nele veiculadas, contribuir para o fortalecimento do movimento ecumênico e reafirmar CONTEXTO PASTORAL como um instrumento em favor da paz e da justiça, sinais inequívocos do Reino de Deus.

## Contexto PASTORAL

Publicação bimestral de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Número 36 Janeiro-fevereiro/97 Ano VII

Rua Santo Amaro, 129  
22211-230  
Rio de Janeiro/RJ  
Tel. 021-224-6713  
e fax 021-221-3016

CONSELHO EDITORIAL  
José Bittencourt Filho  
Lúcia Leiga de Oliveira  
Tânia Mara Sampaio  
Rafael Soares de Oliveira

EDITOR  
Paulo Roberto Salles  
Garcia (MTb 18.481)

EDITORES  
ASSISTENTES  
Jether Pereira Ramalho  
Magali do Nascimento  
Cunha

DIAGRAMADORA  
Anita Slade

DIGITADORA  
Mara Lúcia Martins

FOTOLITO E IMPRESSÃO  
Tipográfica Comunicação Integrada

Tiragem  
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso  
R\$ 3,00

Assinatura anual  
R\$ 12,00

Assinatura de apoio  
R\$ 18,00

Exterior  
US\$ 18,00

Os artigos assinados  
não refletem  
necessariamente  
a opinião do jornal.

IGREJA: QUANDO  
O CARISMA É MAIOR  
QUE O PODER

Há muito tempo a Igreja Cristã de Ipanema deseja repartir as bênçãos que tem recebido de Deus com gente de outras comunidades, cristãs ou não, e também ser agraciada com a presença de pessoas que nos enriqueçam com seus diferentes jeitos de buscar e experimentar o Reino de Deus. Por isso estamos promovendo um encontro ecumênico, que tem o apoio de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e vai acontecer de 1 a 4 de maio de 1997 no Rio de Janeiro. A idéia é fazer um evento de reflexão, vivência e comunhão. Se os seus sonhos têm alguma convergência com os nossos... é tempo de compartilhá-los. A gente espera você na cidade maravilhosa.

Informações e inscrições: Igreja Cristã de Ipanema — Rua Joana Angélica, 203, Ipanema, Rio de Janeiro, CEP 22420-030, tel.: (021) 224-2003 e 285-5355.

## Cartas



## Mulheres

Prezada direção de CONTEXTO PASTORAL,

Parabenizo a todos(as) que contribuíram no conteúdo maravilhoso do último número de CONTEXTO PASTORAL (novembro-dezembro/96). Quero ressaltar a importância do artigo de Nancy Cardoso Pereira. A releitura que ela fez de 2 Samuel 11 foi muito conscientizadora. Também o assunto que Vera Cristina focalizou sobre sacrifícios de crianças em Israel e na atualidade ajudou muito a clarear o texto de Gênesis 22. Finalmente, gostei de todo o CONTEXTO. Desta vez veio para valer!

Sugiro que em cada número de CONTEXTO PASTORAL venha esse tipo de releitura de algum texto bíblico. Assim nós leitores podemos mergulhar no livro santo por caminhos antes desconhecidos.

Irmã Antônia Leal  
Guarabira/PB

Sr. editor,

Ao agradecer a remessa de exemplar da edição de número 34 de CONTEXTO PASTORAL, quero felicitá-lo e a seus colaboradores pela regularidade com que a publicação marcou sua presença no ano de 1996 e pela contribuição que ofereceu à difusão de informações e de opiniões, tão essenciais para a sociedade moderna. Estimo que em 1997 CONTEXTO PASTORAL possa registrar êxitos redobrados.

Maurício Azêdo  
Ex-vereador do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro/RJ

## Ecumenismo

Li e reli o número 34 (setembro-outubro). Decepção-me a tendência. Ao assinar, a coisa parecia imparcial. Quase cada página tem veneno contra uma ou outra igreja, sendo a mais agredida a católica. Na seção de Cartas, Áurea não tem razão porque tenho um irmão que leciona na Assintec há 9 anos. Eu participei da criação dela. Nunca vi um bispo botar colher lá dentro. É bom desconfiar de opiniões como a de Áurea.

Paulo Botas parece usar botas para ciscar num livro sério, de Catão (Francisco Catão). Fui colega de Catão (sou padre com 42 anos de missão, sou jornalista e teólogo). Catão não aprovaria o exame feito em seu livro, como está no CONTEXTO PASTORAL. É opinião de CONTEXTO PASTORAL o medo de "dogmas, de quadro institucional e burocrático"? CONTEXTO PASTORAL não tem nada disso?

Aguardo menos críticas (que a sociedade está "assim" de copadores) e mais propostas. Nenhuma Igreja deve chegar atrofiada para enfrentar o III milênio. Cabe a nós melhorá-la, se temos um projeto.

Anacleto Ortigara

Curitiba/PR

## Seriedade

Prezada direção de CONTEXTO PASTORAL

Fico feliz vendo o esforço deste jornal ao trabalhar na linha da reflexão, da informação, enfim fazendo a história com compromisso junto aos excluídos.

Este ano veio acompanhado de grandes desafios, com ênfase para o processo eleitoral, o projeto neoliberal e os grandes massacres no País. Sendo assim a contribuição de vocês foi valiosa e importante para a vida dos cristãos.

Outros temas abordados, das CEBs, Teologia da Liberdade, Ecumenismo, tudo isso misturado com a Bíblia e com a nossa vida, animando a esperança que constrói o caminho da nossa espiritualidade.

Esperamos que em 1997 vocês continuem trabalhando com a mesma seriedade e profissionalismo, ajudando-nos na caminhada diária.

Claudio Verezza

Deputado Estadual  
Vitória/ES

## Coquetel de sabores

Queridos amigos,  
Renovo com todo carinho e compromisso a assinatura de "Tempo e Presença", e acrescento CONTEXTO PASTORAL e delicio um dos pacotes. Delicio na KOINONIA um coquetel de sabores: profético, místico, ecumênico e humano. Tenho certeza que é esta a mistura ideal para sermos mulheres e homens construtores de um novo tempo.

Maria Veroni Martins  
Buriti de Goiás/GO

## Aos leitores

Este espaço é destinado para opiniões, críticas, sugestões e reações aos artigos e matérias publicadas pelo jornal. Participe!  
As cartas para CONTEXTO PASTORAL devem ser endereçadas para: Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, RJ. Internet: [koinos@ax.apc.org](mailto:koinos@ax.apc.org).

# O desafio da comunidade humana reconciliada

ENTREVISTA COM CHRISTOPHER DURAISINGH

Por Paulo Roberto Salles Garcia/ Tradução: Magali do Nascimento Cunha

**A cidade de Salvador (Bahia) foi palco da Conferência Mundial de Missão e Evangelismo, promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em novembro passado. CONTEXTO PASTORAL entrevista o teólogo indiano Christopher Durasinh, responsável pelo projeto “Evangelho e Culturas” da Unidade II do CMI, que coordenou a Conferência. Ele partilha incertezas, tensões, avanços e desafios que aquela experiência expôs para as igrejas na virada do milênio**

Comparando com conferências anteriores, o sr. acha que Salvador representa um avanço ou um retrocesso no pensamento um missiológico?

Salvador reafirmou algumas das antigas convicções teológicas de uma forma nova, particularmente a partir da perspectiva do encontro entre Evangelho e culturas. Em comparação com as conferências anteriores sobre missão, Salvador levou adiante o pensamento missiológico do movimento ecumônico em um aspecto particular: a compreensão sobre a natureza e o objetivo da missão. Um aspecto significativo do contexto mundial e da condição humana foi destacado, como nunca havia sido: a fragmentação e a divisão — étnica, racial, econômica, etc. No mundo de hoje, testemunhamos lutas legítimas por identidades, mas elas sempre se tornam violentas e separatistas; ao mesmo tempo, os processos de globalização prometem formas de comunidade humana mas excluem milhões dos seus benefícios e destroem identidades locais culturais. Busca por identidade sem qualquer espaço para comunidade e que falsa promessa de comunidade sem qualquer espaço para que ela se faça são a dupla condição da humanidade na virada do milênio. Assim, o propósito da missão apontado pela em Salvador é o engajamento por uma comunidade humana reconciliada em Cristo, em que as identidades são afirmadas e a justiça assegurada, mas de uma forma não alienante. Isto é muito diferente da linguagem do “Reino” e da “Libertação” das primeiras conferências ou da ênfase na conversão pessoal ou na expansão da Igreja, que pode ser ouvida como um objetivo da missão em algumas igrejas. A conversão e a expansão da igreja não estão negadas, mas estão alocadas no mais abrangente propósito de Deus para a *oikoumene* que é o da libertação em comunidade.

Em relação ao tema da vida cristã e testemunho no contexto de pluralidade religiosa, a Conferência de Salvador é menos clara que a de São Antônio (EUA, 1989). Gostaria que Salvador tivesse trabalhado de forma mais completa sobre o que isso significa em termos práticos, para congregações locais, particularmente no contexto da ascensão do fun-

damentalismo e do loteamento da religião em todas as tradições religiosas, inclusive no cristianismo.

Quais foram os principais desafios que a Conferência apresentou à igrejas? Na sua opinião, elas estão preparadas para aceitá-las?

Além dos que já elenquei, outros me vêm à mente. As igrejas precisam estar mais enraizadas nas culturas locais, reconhecendo que muito do que acontece na vida de culto e testemunho das comunidades locais indica que elas são apenas “postos avançados” das igrejas em qualquer parte. Ao mesmo tempo, o desafio é reconhecer que em muitos lugares o Evangelho tem sido aprisionado pelos elementos perniciosos das culturas locais e assim se arrepende e se libertar de todas as formas de cativeiro cultural.

Também há que considerar seriamente a análise cultural como resposta das igrejas às questões político-sociais e seu compromisso com as lutas por liberdade e desenvolvimento. É um chamado para se pronunciarem quanto às novas realidades de identidade política e crescentes tendências em toda a parte do mundo por um nacionalismo étnico. Se a Igreja é de fato uma comunhão de pessoas através de todas as fronteiras culturais, étnicas e nacionais, como isso pode estabelecer sinais de esperança e oferecer desafios ante a crescente violência na busca por identidades puramente em termos de etnicidade? Mas, em muitas partes, as igrejas têm sido cooptadas para tais lutas e a religião legítima e alimenta tais conflitos étnicos.

Num contexto de crescente competição entre as igrejas na tarefa evangelística, Salvador conclamou-as a renunciarem ao proselitismo e às formas de evangelismo culturalmente insensíveis. Há também a necessidade de reconhecer a pluralidade de interpretações do Evangelho e testemunhar isso entre as igrejas através das culturas, e a urgência das igrejas comprometerem-se a dialogar umas com as outras, e não quebrar a comunhão, particularmente no que diz respeito às diferenças. É um desafio conhecer como a diversidade pode enriquecer a vida das nossas igrejas.

Acho que um grande número de



Chris Black/ CMI

**Num contexto de crescente competição entre as igrejas na tarefa evangelística, Salvador conclamou-as a renunciarem ao proselitismo e às formas de evangelismo culturalmente insensíveis**



Chris Black/ CMI

**O propósito da missão apontado em Salvador é o engajamento por uma comunidade humana reconciliada em Cristo, em que as identidades são afirmadas e a justiça assegurada**

participantes está pronto para aceitar esses desafios. Alguns grupos dentro das igrejas, movimentos populares já estão se pronunciando. Parte do problema é a natureza e o conteúdo da educação teológica e a formação ministerial do momento. Até que haja uma mudança radical na educação teológica em nossas igrejas, temo que a preparação para enfrentarem desafios missionários também seja inadequada.

Que pontos polêmicos surgiram durante a Conferência?

Os procedimentos da Conferência foram muito mais suaves do que eu tinha pensado. Esperava que o evento não temesse as questões delicadas e que os participantes não hesitassem em articular diferenças e até uma teologia abrangente. No entanto, algumas delas emergiram em vários momentos e apontaram para áreas problemáticas. Primeiro, a relação entre diversidade e unidade. Havia duas ênfases distintas que tendiam a uma colisão. Aqueles inseguros quanto à diversidade pregavam uma maior articulação da unidade que reúne os cristãos no testemunho comum e apontavam limites da ênfase na diversidade; eles pregaram uma maior afirmação da singularidade da esperança para a qual somos chamados. Outros, principalmente do Sul, sentiram que não era suficiente levantar suas vozes, articular a diversidade inspiradora do Evangelho e celebrar a riqueza de tais diferenças. Alguns deles desejavam falar de evangelhos no plural como falamos de culturas no plural. Muitos da América Latina foram bem enfáticos na articulação desta posição.

Duas outras questões foram problemáticas nos plenários: primeiro, em que extensão as espiritualidades dos povos indígenas podem ser afirmadas como dom do Espírito para o mundo e a Igreja? Alguns expressaram a afirmação como ingênuo e um sintoma de romântico cultural não-critico; para eles isso significava não considerar seriamente o fato de que há um elemento do mal em todas as culturas. A segunda questão tem a ver com a atitude cristã em relação a “pessoas que têm orientação sexual diferente da recebida pela maioria da comunidade”.

Antes da Conferência, o sr. expressou preocupação de que as igrejas não se engajassem totalmente na reflexão sobre Evangelho e Cultura, da forma como a Conferência propunha. Isso se concretizou?

Vou responder numa perspectiva muito pessoal. Os três anos de estudos sobre Evangelho e culturas indicaram que as igrejas não estavam prontas para se engajar totalmente em algumas questões e tinha receio de que tais questões não fossem destacadas na Conferência tanto quanto necessário. Primeiro, há uma hesitação em muitas partes da

Igreja em olhar as culturas positivamente. Muitas, especialmente no Norte, estão prontas para identificar que elementos de certa cultura devem ser criticados e transformados pelo Evangelho. Mas muito poucas são capazes de identificar como as culturas podem lançar uma luz sobre a nossa compreensão do Evangelho. Aqui, mulheres, povos indígenas e juventude parecem apontar-nos o caminho por meio das suas imagens renovadoras e poderosas. A Conferência abriu caminho de alguma forma por meio do encontro nas sessões de estudo para que estas vozes pudessem ser ouvidas. Ainda assim, não penso que foram suficientemente acolhidas nas discussões setoriais, nem refletidas adequadamente nos relatórios.

Segundo, o desafio das leituras muito diferenciadas do mesmo texto bíblico à luz dos diferentes contextos. Aqui novamente, muitos são inseguros quanto à diversidade. Ao lado disso, raramente estamos conscientes dos caminhos nos quais a Bíblia tem sido usada para legitimar interesses sociopolíticos e culturais disfarçados. Os cristãos e as igrejas têm medo de enfrentar o fato de que no encontro entre Evangelho e culturas nós não estamos lidando com um evangelho “acultural” e um contexto cultural mas sim duas situações culturais. Desejaria que a Conferência tivesse possibilitado a identificação de caminhos mais criativos para uma releitura cultural da Bíblia.

Um terceiro ponto seria o diálogo entre os de linha evangelical e os de linha ecumênica, tema presente nas conferências de Missão anteriores. Em São Antônio, os evangelicais acharam importante fazer afirmações na forma de uma carta. Pensei que haveria uma polarização a partir dali, já que a questão da relação entre Evangelho e culturas poderia se tornar muito controversa, mas o diálogo entre os dois grupos foi muito bom e útil.

Finalmente, quisemos encorajar um diálogo maior entre líderes religiosos afro-brasileiros e cristãos de vários lugares, especialmente africanos em diáspora. Propusemos uma consulta prévia, em Salvador, mas fomos advertidos de que ela poderia não ser algo facilitador e cancelar o plano. Consequentemente, fiquei temeroso de que esta falta de engajamento com grupos religiosos afro-brasileiros levantaria alguns problemas durante a própria Conferência, o que foi uma realidade. Nós nos surpreendemos com a pronta disponibilidade dos líderes afro-brasileiros para tal encontro. Teria sido positivo se os cristãos brasileiros que já estão envolvidos nesse diálogo pudessem ter ajudado a Conferência a criar maior envolvimento. Minha oração é de que as igrejas no Brasil conduzam a promoção de tais encontros daqui para frente.

# Em debate: Reeleição

## Marcha batida para transformar o País em mercado de consumo

Lysaneas Maciel

A decisão tomada pelos integrantes da Câmara de Deputados em favor da reeleição presidencial, aprovada por iniciativa e coordenação do próprio Palácio do Planalto, representa muito mais do que está sendo dito pelos críticos do regime. O fato traduz a falência de instituições ditas públicas que na verdade nunca foram sólidas ao longo da história republicana e brasileira. Ficou patente a perda de substância nacional através do golpe de mão de uma maioria parlamentar espúria constituída contra a lei maior em nome de uma desmedida ambição pessoal.

A oposição consequente em nosso país tem que questionar uma democracia de fachada amplamente consolidada pela via da manipulação da opinião pública. Não há outro estado de consciência possível que poderia dar conta de uma situação em que do lado de lá se somaram a obsessão pessoal de um presidente e o controle desonesto da informação. Sofisticou-se a tal ponto o regime que o processo de sedução se opera lá fora onde FHC esbanja o charme dessa nova cara da direita, aperfeiçoada agora por uma articulação continuista e cooptadora dos governadores em exercício.

O risco de uma *fujimorização* de resultados levada ao contexto brasileiro assume contornos reais. A diferença é que aqui não está sendo necessária uma ruptura formal com o velho Congresso e com a Justiça arcaica ou tardia. O coronelismo sociológico ungido pelos governantes de fora decretou a doutrina do "hegemonismo presidencial" pela qual o mandatário define e quem tem juiz obedece. Isto posto, fatos aparentemente desvinculados como escândalos orçamentários, reeleição do presidente, venda programada da Vale do Rio Doce, quebra do monopólio na exploração do petróleo, crucificação do servidor público como vilão do déficit público, sobretaxação dos juros internos e abertura do mercado aos investimentos especulativos convergem para uma só corrente liquidacionista do País como nação soberana.

Aprovado como era de se esperar o direito à reeleição de FHC, observa-se a abertura de um novo tempo, visceralmente rico em desafios às oposições de todos os matizes. Do ângulo das parcelas da sociedade que não perderam a capacidade de se indignar, compete constituir um tempo do povo, para quem deverão estar concentrados todos os esforços por constituir uma ação pedagógica de formulação de um projeto nacional e que passa pela constituição de princípios éticos de surgimento do espírito da brasiliada.

A especialização desses princípios requererá engenho e arte para que o povo entenda que a Pátria está ameaçada e que precisamos nos unir. Que do lado de cá há brasileiros honrados que não se venderam e que iniciam de

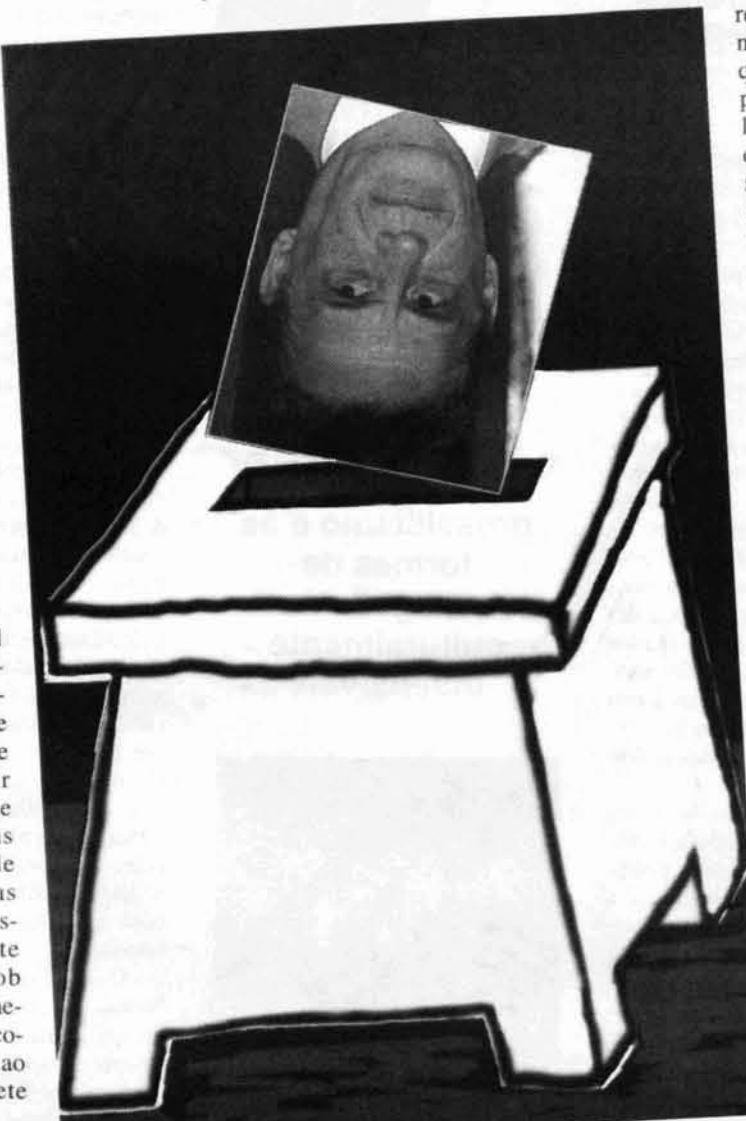
imediato uma ampla campanha popular para encontrar energias necessárias e barrar o avanço célebre dos poderosos. Terá que vir das ruas a solução que encarne de norte a sul do País essa alternativa. Os contornos desse esforço envolvem a

conquista da fidelidade programática no corpo-a-corpo com a população, a tomada de posição em favor da drástica redução e controle da representação parlamentar, a reforma do Judiciário e o controle social de cada uma das ações da área econômica governamental. Por outro lado, a soberania nacional projeta novos papéis para o campo científico e tecnológico que levam a incluir adversidades e forças armadas em esferas de atuação para as quais precisam estar devidamente habilitadas, sob pena de que se chegue ao status de colônia associada ao desígnio dos sete grandes.

Concomitantemente a esse esforço, os espaços oposicionistas necessitam de uma mobilização imediata por meio da recuperação da bandeira das reformas para o nosso campo de atuação. Nesse caso, há que se promover a luta pela descentralização radical de estruturas de saúde, educação popular, previdência social, geração de emprego e renda, saneamento ambiental e promoção da habitação popular sem tergiversar na defesa intransigente do que é tarefa estatal como a Vale, a Petrobrás, a defesa da Amazônia, as riquezas naturais e os bancos da Amazônia e os bancos públicos.

Por fim é sempre bom recordar que as oposições não têm outro caminho senão construir uma indignação popular sadia que isole os farsantes do mais audacioso plano de debilitamento do País de que temos notícia.

Lysaneas Maciel, leigo presbiteriano, vereador do Rio de Janeiro pelo PDT.



Marta Strauch

## Pelo direito à recandidatura

Joaquim Beato

Um fato que mereceu bastante destaque nas últimas eleições foi que, na quase totalidade das administrações municipais bem-sucedidas, os prefeitos que terminavam o mandato conseguiram eleger sucessores. Esse bom êxito não teve origem em qualquer identidade partidária ou ideológica. Os prefeitos envolvidos representavam uma extensa faixa político-ideológica e defendiam uma ampla variedade de macroprojetos da sociedade. Mas em uma coisa eram iguais: conseguiram administrações municipais cheias de realizações, transparentes e em constante interação com a sociedade civil.

Esses resultados reforçaram a tese da reeleição dos titulares do Poder Executivo. Tratava-se, de fato, de uma reeleição implícita dos prefeitos bem-sucedidos. O povo gostaria de poder reelegê-los.

Uma segunda reflexão é que nas cláusulas constitucionais que podem ser consideradas pétreas, as quais dizem respeito aos princípios fundamentais e aos direitos políticos, percebe-se que a inelegibilidade dos titulares do Poder Executivo, no período subsequente ao de seu mandato e para os mesmos cargos, é uma questão adjetiva (Art. 14, parágrafo 5º). Lei complementar, isto é, infraconstitucional, pode estabelecer "outros casos de inelegibilidade e os prazos de sua cessação a fim de proteger a normalidade e legitimidade das eleições contra a influência do poder econômico ou o abuso do exercício de função, cargo ou emprego na administração direta ou indireta" (Art. 14, parágrafo 9º).

A inelegibilidade dos executivos é parcial, em dois sentidos: tem duração de quatro anos e só se caracteriza na disputa dos "mesmos cargos". É essa inelegibilidade parcial que a emenda da reeleição revoga. Não fere, pois, nem os princípios fundamentais da Constituição nem os direitos políticos. Reforça, antes, o espírito da "Constituição

Cidadã", ampliando o número de cidadãos elegíveis. Também não altera em nada as funções básicas das eleições democráticas: estabelecer o caráter delegado do poder dos mandatários e representantes eleitos e sua responsabilidade diante do povo, pelos exercícios do mandato; reforçar a estabilidade e legitimidade da sociedade política; e confirmar a importância e dignidade do ser humano como cidadão no pleno exercício de seus direitos políticos.

Em outros países democráticos, como França e Estados Unidos, reeleição é um princípio já estabelecido, que fortalece o regime democrático. Isso não implica supor que o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil. O que se quer afirmar é que o problema do "abuso do exercício de função, cargo ou emprego na administração..." já deve ter sido solucionado satisfatoriamente por lá. O presidente americano concorre à eleição no pleno exercício do seu mandato. Aqui uma imprensa livre e um eleitorado crescentemente politizado saberão denunciar e rejeitar qualquer candidato que, de maneira ilegal e antiética, se aproveite de sua função, cargo ou emprego e ameace, assim, a normalidade e a legitimidade das eleições.

A reeleição levará os governantes a administrarem levando em conta prioridades e desejos dos governados; garantirá continuidade administrativa dos governantes bem-sucedidos e lhes permitirá planejamento a longo prazo. A aprovação da reeleição, demonstrando o forte suporte político do presidente, justifica a exigência da sociedade de que sejam urgentemente encaminhadas por ele as reformas administrativa, previdenciária, política, agrária, tributária, e tomadas medidas mais ousadas no campo social, na educação e na saúde, no combate ao desemprego e na criação de mecanismos que promovam mais justa distribuição de renda e igualdade de oportunidade e tratamento para as minorias discriminadas.

Uma última palavra sobre a reeleição, mas não menos importante: o povo é favorável. É claro que reeleição não é prorrogação de mandato ou uma nomeação pura e simples, independente das urnas. Reeleição — seria melhor dizer recandidatura — é a garantia a um governante bem-sucedido do direito de submeter-se, em igualdade de condições com outros candidatos, à aprovação ou rejeição do eleitorado. Como "todo poder emana do povo" e esse poder é exercido "pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto", o Congresso foi sensível à vontade do povo que quer que Fernando Henrique Cardoso tenha o direito de concorrer em 1998 a um novo mandato.

Joaquim Beato, pastor presbiteriano, ex-senador pelo PSDB-ES.

# Neoliberalismo, eficiência e pastoral

Jung Mo Sung

**Qualidade total, eficiência, competitividade, individualismo. Esses valores estão chegando com toda força em diversas comunidades religiosas. Seus líderes têm como critério último o aumento quantitativo da membresia ou da riqueza da Igreja e correm o risco de trocar a solidariedade pela insensibilidade diante do sofrimento do próximo. Neste artigo e nos dois seguintes, um alerta: neoliberalismo não combina com Reino de Deus.**



Um dos desafios sempre presentes nas práticas pastorais das igrejas cristãs é a dialética de ser enviado ao mundo e nele anunciar com eficiência a Palavra, sem se deixar levar pelo mal do mundo, nem fugir do mundo. O evangelho de João nos coloca o problema desta forma: "Eu lhes dei a tua palavra, mas o mundo os odiou, porque não são do mundo, como eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os preserves do mal. (...) Como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo." (Jo 17.14-15,18).

Anunciar com eficiência a Palavra de Deus sempre foi um grande desafio para as igrejas cristãs. Mas hoje é uma questão crucial. A grande diferença não está tanto na Palavra, que sempre deve ser atualizada com o auxílio do Espírito, mas sim no item eficiência. Nunca se falou tanto em eficiência como nos dias de hoje. Tudo gira em torno da eficiência e tudo é justificado ou julgado segundo ela.

## Eficiência

Para entendermos um pouco melhor essa questão, tomemos o exemplo da desigualdade social. Até os anos de 1970/80, a desigualdade social foi vista como um mal social a ser combatido pela sociedade e pelo Estado. Assim, o Estado intervinha na economia para aumentar o número de empregos e implementava políticas econômicas e sociais visando melhorar a distribuição de renda e minorar os sofrimentos dos pobres. A partir dos anos 80, com a hegemonia do neoliberalismo, a desigualdade deixou de ser vista como um mal social. Ela é hoje considerada como algo justo, necessário e be-

néfico, porque é vista como resultado da concorrência no mercado.

Justa porque os ricos e os pobres estão recebendo segundo a eficiência de cada um na concorrência do mercado. Necessária porque, segundo os neoliberais, não há outra forma eficiente de organizar a economia das sociedades modernas fora do sistema de livre mercado. Benéfica porque é a desigualdade social que incentiva as pessoas para a concorrência, que é motor do aumento da eficiência.

Em resumo, aquilo que antes era visto como um mal social, passou a ser considerado como um bem, em nome da eficiência do mercado. Assim, a sociedade se torna cada vez mais insensível ante o fenômeno da exclusão social.

O problema é que eficiência é um conceito formal, isto é, vazio de conteúdo. Quando se fala que alguém é eficiente está se dizendo somente que ele atinge os seus objetivos com o menor custo possível. Não está em questão se os objetivos são bons ou não. Se uma pessoa é capaz de atingir o seu objetivo de matar milhões de pessoas com o menor custo possível, ela é eficiente.

Quando a sociedade hoje coloca a eficiência econômica como o critério último está pressupondo que a finalidade da vida humana e da sociedade é o crescimento econômico ou a maximização da acumulação de riqueza. O crescimento econômico foi colocado como sinônimo e caminho para qualidade de vida humana. Por isso, o enriquecimento de uma minoria justifica, segundo eles, o aumento da desigualdade social porque gera um maior crescimento econômico. O reino da eficiência é o reino da riqueza quantificada.

A própria busca da "qualidade total", tão falada nos dias de hoje, tem como objetivo último, não o bem estar das pessoas, mas sim o aumento dos lucros das empresas.

## Pastoral eficiente?

Numa sociedade em que a eficiência econômica foi elevada à categoria de critério último da vida, não é fácil querer anunciar com eficiência a Palavra sem cair no reducionismo perverso do mundo. Afinal, é neste "mar" que vivemos.

Razão por que a oração de Jesus, "os preserves do mal do mundo" é mais atual do que nunca. Infelizmente não é muito raro encontrarmos comunidades eclesiás onde os seus líderes têm como o critério último o aumento quantitativo da comunidade ou da riqueza da Igreja e dos seus membros. Em nome da competência ou eficiência pastoral acabam reduzindo a Boa-Nova e a santificação das pessoas da comunidade e da sociedade a um mero cálculo quantitativo. "Programas de qualidade" são implementados, na maioria das vezes, sem uma devida crítica dos seus aspectos meramente mercantis. Não podemos esquecer que Programas de Qualidade Total foram criados para atender melhor desejos de consumidores, não para anunciar a Palavra que Cristo confiou às igrejas.

A grande diferença entre as empresas e Igreja é que as primeiras não têm princípios ou valores a preservar, existem para atender os desejos mutantes dos consumidores. A Igreja, ao contrário, tem, independentemente da vontade dos "consumidores", algumas verdades e valores que não pode e nem deve renunciar.

Se não percebermos esta diferença fundamental, a vontade de ser-

mos mais eficientes na pastoral pode nos levar ao equívoco de reduzirmos a evangelização ao cálculo de eficiência do mercado neoliberal. Correndo, assim, um sério risco de trocar a virtude da caridade pela insensibilidade diante do sofrimento do nosso próximo.

Por outro lado, negar simplesmente o problema da eficiência na pastoral também não é solução. Seria mais ou menos querer "sair do mundo" para não ser contaminado pelo mal.

A questão não é eficiência/competência: sim ou não. A pergunta deve ser: que tipos de eficiência pastoral realizam eficientemente a nossa missão de anunciar a Boa-Nova aos pobres? Por exemplo, que fazemos com um irmão que, apesar de toda boa vontade e santidade, não consegue ser eficiente na comunicação do Evangelho? Se o conceito de eficiência é entendido no sentido neoliberal, predominante hoje, este irmão deve ser "deixado de lado" para que não percamos a nossa eficiência. Mas isto não seria negar a prática de Jesus que acolhia, não só os "ineficientes", mas também os pecadores, os pequenos?

Acredito que esta questão é hoje um dos principais desafios práticos teóricos para os pastoralistas e teólogos. Uma coisa parece clara: para nossa missão de evangelização, a eficiência do mercado, "do mundo", não é eficiente.

**Jung Mo Sung é professor nos programas de pós-graduação em Ciências da Religião no I.M.S., S.Bernardo do Campo-SP, e na PUC-SP. Autor de diversos livros, entre eles, *Se Deus existe, por que há pobreza?* (Paulinas) e *Deus numa economia sem coração* (Paulus).**

## Neoliberalismo: sim ao egoísmo; não à solidariedade

O momento pelo qual passa o Brasil — e toda a América Latina e Caribe —, lamentavelmente, é de crise econômica, política e social, vivenciada pelo nosso povo. A marca registrada dessa situação é a da contradição e da hipocrisia social. A contradição se impõe pelos "fracassos" do socialismo real e pelo "triunfo" do capitalismo que se traveste como neoliberalismo e apresenta o processo de ajuste econômico e o sistema de mercado como a única saída dessa crise. As regras estabelecidas são competitividade, racionalização de recursos e eficiência administrativa. É a lei do mais forte, do salve-se quem puder, da aceitação de "quem não tem competência não se estabeleça". Nesse jogo econômico não cabem a solidariedade e a fraternidade.

De um lado apregoa-se a salvação por meio do Mercado, e de outro esconde o rosto para milhões, que, excluídos do mercado, estão fadados ao desaparecimento. Aí estão a ironia e a hipocrisia presentes no cotidiano social.

O princípio fundamental que move tal sistema é a livre concorrência: cada um deve defender os interesses pessoais contra os interesses dos outros (egoísmo) para o ótimo funcionamento do sistema. Em outras palavras, o caminho para a solução dos nossos problemas sociais estaria no fomento do egoísmo. O mercado é apresentado como um ente supranatural capaz desse milagre de transformar o egoísmo em "bem comum" ("amor ao próximo"). Os economistas neoliberais falam da necessidade de se ter "fé" no mercado.

A economia neoliberal subverte a vida humana e a da natureza. Esquece que seu trabalho — que não produz em produtividade — continua sendo um trabalho; e um produto oferecido em condições não-competitivas continua sendo um trabalho; e um produto oferecido em condições não-competitivas continua sendo um valor de uso. Trigo produzido não-competitivamente alimenta e um abrigo não-competitivo esquenta.

A atual consciência social insensível diante dos sofrimentos dos excluídos do mercado revela a vitória dessa nova "espiritualidade": amar ao próximo é defender os interesses pessoais contra outros integrados no mercado e, principalmente, contra a "violência" dos excluídos do mercado. Uma estranha espiritualidade para um país que se diz cristão.

**Fonte: Como proclamar Deus num mundo sem coração. Vários autores. CLAI/CEDI, 1992.**

# A Igreja no mercado e o

Ricardo Barbosa

Há algum tempo estávamos conversando em nossa comunidade sobre as implicações pastorais para a Igreja no contexto de transformações provocadas pelo neoliberalismo e pela pós-modernidade, e um amigo sugeriu uma imagem que chamou a atenção. Ele se referiu a essa mudança como um processo de passagem da quitanda para o supermercado. A idéia era pensar na quitanda, aquele mercadinho da esquina, no bairro, onde são feitas as compras básicas do dia-a-dia. Todos se conhecem pelo nome, sabem a história de cada um, perguntam pela família. Há toda aquela conversa da vida da quitanda, existe uma natureza essencialmente paroquial.

A quitanda não está preocupada com o mercado competitivo, não apresenta grandes promoções, você não é tratado como consumidor em potencial. Lá, o consideram um vizinho. Na verdade as pessoas nunca vão em busca de novidades.

Mas surgem os supermercados. Já não se estabelecem mais na vizinhança, vão para a periferia. São prédios enormes em lugares afastados, a freguesia é estranha, ninguém conhece ninguém. Não são mais pessoas que passam por ali, com seus nomes e seu passado, mas consumidores em potencial. O dono não conhece a história, a vida delas; as coisas básicas e essenciais não são as mais importantes, o que vale é o supérfluo, aquilo que vende, como as promessas de uma vida mais confortável e feliz. Ali não há uma relação pessoal. Para esse consumo, não se pouparam propagandas e promoções, promessas e sedução.

Esse é mais ou menos o quadro que identifica essa mudança da Igreja: deixamos de ser quitanda e nos tornamos supermercados. Entramos no mercado, onde não estamos mais preocupados com pessoas. Certa vez ouvi um pastor dizer: "Nós temos o melhor produto, com a melhor garantia, só nos resta aprender a vender". O Evangelho foi transformado em um produto, a Igreja num grande supermercado, o homem num consumidor e o pastor num gerente, administrador e empreendedor. A grande preocupação da Igreja hoje, dentro dessa cultura neoliberal, é de como vender esse produto.

## “Executivos religiosos”

Isso cria outro processo de mudança radical, o do profissionalismo religioso. A figura do pastor paroquial, definida muito mais por suas relações, pelo fato de conhecer os paroquianos pelo nome, fazer visitas com direito a leitura da Bíblia, cafetinho e bolo, era um dos elementos centrais da vocação. As experiências devocionais eram aceitas, respeitadas e reconhecidas como elementos vitais do pastor como pessoa. O papel dele não se limitava a certas es-

pecialidades, mas num envolvimento integral e pessoal com a vida de cada irmão e cada irmã. A linguagem era a da alma, essencialmente espiritual.

Todavia surge com essa mudança o profissional religioso, com suas mega-igrejas ou com seu sonho de uma grande igreja; já não se conhece mais ninguém pelo nome, a não ser aqueles mais abastados, que sustentam o programa de televisão.

Geralmente, o pastor deixa as coisas menores — visita a enfermos, oração com idosos, aniversário de crianças — para alguns auxiliares contratados que farão esses trabalhos “pequenos e inexpressivos”. O profissional religioso agora é um especialista. Alguns se dedicam ao ministério espiritual, outros à cura física, outros ao louvor, e o status cresce à medida que se tornam mais ocupados. Quanto menos tempo

sucesso é compreendido como uma expressão da bênção de Deus sobre seus ministérios. São admirados como celebridades, não há consciência vocacional nem deles nem do povo. São gerentes eclesiásticos que perderam o caminho do pastorado.

Não sou saudosista, nem estou querendo dizer que houve um tempo necessariamente melhor; não se trata disso. Houve uma mudança e é para ela que devemos olhar e considerá-la na perspectiva de reencontrar uma proposta pastoral para os novos tempos. Trata-se de achar alguns caminhos concretos para enfrentar os desafios pastorais nesse enorme processo de mudança da civilização que estamos vivendo.

## Buscando novos caminhos

Gostaria de apontar alguns caminhos importantes e necessários para

O Iluminismo trouxe a possibilidade de um teólogo nunca ter uma experiência real e verdadeira de oração. Parece que o conhecimento a partir do Iluminismo tornou-se um elemento distinto da relação e do amor. Ou seja, conhecer e amar são duas coisas distintas. Talvez antes, num período pré-moderno — se é que se pode chamar assim —, o conhecimento e o amor eram semelhantes. A teologia nascia da oração e do encontro com Deus, do conhecimento da relação com Deus.

Quando lemos as obras dos Pais da Igreja, percebemos que a experiência teológica era também espiritual. Precisamos resgatar essa teologia que nasce da oração. Corremos, de um lado, o risco de uma espiritualidade sem teologia, que vai gerar uma forma de esoterismo, que vai apontar para uma espiritualidade sem esqueleto, sem forma. Por

periência cristã, a partir do próprio conceito da Trindade, entendemos e percebemos que o sentido de ser pessoa se dá basicamente a partir das relações de amor e de afeto que construímos, e não daquilo que possuímos ou conquistamos.

O teólogo católico Jung Mo Sung disse certa vez em Brasília algo que chamou atenção e me levou a uma constatação que me trouxe problemas até hoje. Ele afirmou que quando nos tornamos capazes de olhar para uma mulher negra, pobre, idética, velha e perceber

**O Evangelho foi transformado em um produto, a Igreja num grande supermercado, o homem num consumidor e o pastor num gerente**



para as pessoas, mais tempo para os grandes projetos de autopromoção e mais competentes se tornam. A competência desse profissional hoje está diretamente relacionada com a falta de tempo para as pessoas.

Esses “executivos religiosos” são vistos hoje desfilando de carro a carro, telefone celular e um séquito de assessores, todos com a esperança de um dia chegar a essa mesma posição. A linguagem deles é técnica, falam em números, investimentos, buscam sucesso — e esse

refletirmos sobre o assunto. O primeiro desafio é a construção de uma teologia mais espiritual e uma espiritualidade mais teológica. A pós-modernidade e o universo neoliberal exigem de nós a busca de uma teologia que seja mais espiritual. Sou herdeiro de uma teologia racional e científica. O que não podia ser compreendido, comprovado, era descartado. Tratava-se de uma teologia que não trabalhou a questão da espiritualidade, da interioridade, da experiência da oração.

outro lado, vivemos hoje a falência de uma teologia sem espiritualidade, que gerou cansaço, frustração, esgotamento.

Dentro da busca por uma espiritualidade teológica e uma teologia espiritual, é necessário resgatar o significado da pessoa a partir da experiência cristã do encontro com Deus.

O neoliberalismo defende a idéia de que a pessoa é aquilo que possui. Para ser alguém é preciso entrar no mercado, consumir. Dentro da ex-

periência humana, e relacionar-se com ela, demos um passo de fé. Sendo honesto comigo mesmo, percebi que durante muitos anos estive ideologicamente falando do lado do pobre, mas constatei que não havia estabelecido com ele uma relação pessoal. Ou seja, eu não o amava. Talvez todo o meu esforço em direção ao pobre tinha sido para tirá-lo do seu estado de pobreza para, então, ser capaz de me relacionar com ele. Aí se estabelece um conceito neoliberal de pessoa, que se dá a partir da possibilidade de troca, de se criar uma relação funcional e não pessoal. A mudança que fiz foi olhar para o pobre não como um projeto missionário ou teológico, mas como pessoa e ser capaz de acolhê-lo e estabelecer com ele uma relação de amor. Senti-me bastante desafiado e me envolvi em um projeto de um hospital em Brasília com doentes terminais e pacientes crônicos, para ali, no contato com essas pessoas, chamadas excluídas, estabelecer uma relação. É um processo difícil, sobretudo com toda a bagagem que carregamos.

Vivemos hoje uma crise nas igrejas. Dentro do mundo protestante, depois de mais de um século de presença das igrejas históricas, sejam as conservadoras ou as mais liberais, pentecostais e carismáticas, entramos todos nesse final de século numa vala comum, embora com abordagens e experiências teológicas distintas. Nessa vala comum está

# profissionalismo religioso

a crise de nossos afetos, das nossas relações, de nosso encontro como pessoas. Quando limpamos esse entulho de debates teológicos, experiências religiosas e entramos no mundo dos nossos relacionamentos e afetos, percebemos esse enorme fracasso. Um dos grandes desafios que temos pela frente é resgatar o conceito de pessoa.

## Por uma linguagem pastoral

Necessitamos também recuperar uma linguagem pastoral. Ela é o que chamo de uma linguagem da alma, que nos permite penetrar nas entranhas da vida humana, com todo o seu mistério e suas crises. Há um mundo no universo humano que não pode ser percebido pela linguagem linear e acadêmica. Ao olharmos para os Salmos e para as palavras de Jesus percebemos que há uma linguagem não-linear, mas poética, afetiva, do coração. Precisamos tentar redescobrir a linguagem pastoral como desafio para o mundo neoliberal.

Douglas Mansur



Encher os templos e aumentar a arrecadação têm sido prioridades de diversos líderes religiosos

**Resgatar a amizade, como experiência humana necessária para recuperar a identidade pessoal, é visto como inútil, como perda de tempo porque não traz retorno ou riqueza**

Redescobrir, como pastores e como líderes, as nossas próprias feridas é tarefa fundamental. O apóstolo Paulo, quando escreveu aos coríntios, disse que se gloriava, com certo orgulho, de suas fraquezas e não de suas conquistas e grandes experiências espirituais, teológicas, acadêmicas. "Quando eu sou fraco, aí eu sou forte". É por intermédio da fraqueza que eu encontro a Graça. É pela fraqueza que eu estabeleço uma relação de afeto com Deus e com o próximo.

Nesse contexto do neoliberalismo, que gera o modelo de líder gerencial, de pastor executivo, do homem forte com muitas conquistas, jeitão de bem-sucedido, precisamos trabalhar na contramão. Necessitamos resgatar o lugar de fraco. Tenho a impressão de que é por aí que vamos penetrar nesse universo do

pobre, do destituído, do excluído. Enquanto não trabalharmos a nossa fraqueza em relação à nossa própria vida, nosso pecado, nossas limitações, não vamos acolher o pobre, porque este é um fraco assumido, é um fraco que a própria sociedade mostrou o rosto da limitação dele. Não vamos entrar na relação com o pobre, com o idoso, pois são pessoas inúteis, no sentido de que não têm utilidade concreta alguma, se não percebermos a nossa própria fraqueza. Vale a pena pensar na bemataventuração dos pobres, pois nela quebramos essa barreira entre a vocação e a profissão.

Por fim, precisamos entender também que a vocação pastoral neste final de século vai ser um projeto de extrema irrelevância. O projeto pastoral trabalha a reconciliação, a amizade, as relações do ser humano com Deus e com o próximo, a experiência da oração, e não há nada mais inútil dentro da consciência neoliberal do que essas coisas. O neoliberalismo gera o inútil, a criatura isolada, individualista, que busca as suas conquistas pessoais, profissionais. A realização no mundo neoliberal se dá nas conquistas pessoais e profissionais e, para isso, o individualismo torna-se uma ferramenta indispensável. Resgatar a amizade, como experiência humana necessária para recuperar a identidade

pessoal, é visto como inútil, como perda de tempo porque não traz retorno ou riqueza.

Concluindo, gostaria de falar da alegria em viver neste tempo. Não sou pessimista em relação ao momento em que vivemos, embora entenda a perplexidade desta hora e os desafios que ela traz. Todavia, dentro de uma ótica pastoral, vivemos uma época de extrema fertilidade para a Igreja. Precisamos pensar na caminhada da Igreja na contramão da história, no sentido de que ela precisa assumir uma postura contracultural, não apenas para fora, mas também para dentro, porque inevitavelmente ela absorve as questões da sociedade neoliberal. Precisamos resgatar o que é essencialmente tarefa dela, da vocação pastoral, sobretudo nesse universo das relações, onde Deus mostra o seu Ser.

**Ricardo Barbosa é pastor presbiteriano em Brasília-DF e presidente da Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL) — Setor Brasil.**

Palestra apresentada no seminário "Neoliberalismo e missão: desafios teológicos-pastorais ante a realidade brasileira", promovido por KOINONIA. São Paulo-SP, 11 a 13 de abril de 1996.

## Testemunheiros profissionais

Cantores e artistas recém-convertidos descobriram que testemunho dá dinheiro. Muitas celebridades têm ganho de suas experiências de conversão bem mais do que a vida espiritual e, para dar seu recado, estão cobrando cachês. O cantor Nelson Ned, a apresentadora Mara Maravilha e o humorista Dedé Santana encabeçam a lista de famosos que cobram para testemunhar os milagres que Deus fez em suas vidas.

A indústria do testemunho traz reações ferozes. "A Igreja não pode ser vista como um negócio do pastor que precisa de promoção em eventos para ter a casa cheia e, com isso, conseguir retorno de investimentos", diz o pastor e cantor Josué Rodrigues. O pastor da Igreja Maranata de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, Silvio Medeiros, acredita que a indústria do testemunho nem sempre é motivada por um desejo de ver Jesus por meio dessas histórias. "Tem gente investindo em shows, e não em Jesus", opina.

Confira abaixo as condições que exigem, quanto cobram e como se apresentam os mais requisitados testemunheiros do País.

**NELSON NED** — Atualmente pede R\$ 8 mil por apresentação. Já chegou a cobrar R\$ 12 mil. Exige também passagens aéreas para ele e um acompanhante e hospedagem no melhor hotel da cidade. Canta, pre-

ga e dá testemunho de sua conversão.

**MARA MARAVILHA** — Cobra R\$ 2,8 mil de cachê, mais cinco passagens e estadia em hotel (no mínimo, quatro estrelas) para ela e seus acompanhantes, fora a venda obrigatória de 200 CDs (a R\$ 12,00 cada) e 100 fitas-cassete (R\$ 10,00 cada). Canta, dança e dá o depoimento de seu encontro com Jesus.

**DEDÉ SANTANA** — Se a igreja for próxima à cidade do Rio de Janeiro, onde mora, cobra R\$ 1,5 mil em camisas, fitas-cassete e o livro que narra seu testemunho. Fora do Grande Rio, pede R\$ 2 mil. Se a apresentação for em ginásio com entrada franca, pede R\$ 4 mil. A cobrança de ingresso faz o valor saltar para R\$ 6 mil. A qualquer dos orçamentos, acrescentem-se três passagens aéreas e estadia em hotel. Conta seu testemunho e prega, com direito a muitas tiradas humorísticas.

**JECE VALADÃO** — O orçamento fica em torno de R\$ 1 mil (cota com vendas de fitas VHS com seu depoimento gravado), mais passagem e hospedagem. Prega e fala de sua conversão.

Fonte: "Nos bastidores do testemunho". Marcelo Dutra. Revista *Vinde*, ano 2, n. 15, janeiro/97.

# Neoliberalismo e neomundanismo

Robinson Cavalcanti

As igrejas evangélicas no Brasil correm o risco de viver o apogeu do mundanismo. E, o que é surpreendente, os que estão na linha de frente desse preocupante fenômeno são justamente os que mais combatiam “o mundo”. O mundo que vivemos é o do neoliberalismo, e é ele quem dá as cartas às igrejas.

Embora os cristãos evangélicos sejam gente (muitos lamentam não serem anjos), vivam na terra, portem a cidadania brasileira e recolham seus impostos, por muito tempo eles têm dito que deixaram o “mundo” sem se tornarem nem astronautas nem ETs. A decodificação desse discurso separatista pode significar: deixar de beber, de fumar, de dançar ou de participar da vida social ou cultural. No lugar de uma presença (e influência) na sociedade, optam por uma vida centrada na igreja, novo mosteiro.

O isolamento físico e social não impede, contudo, a contaminação ideológica. A cabeça dos novos monges pode estar cheia da cosmovisão, da mentalidade, dos valores e da agenda da ideologia vigente, ou seja, do “mundo”. O “mundo” é um mundo do capitalismo, com o neoliberalismo (neoconservadorismo) como seu “reavivamento”. O sinal da conversão, na prática, é o amoldamento do cristão ao perfil do burguês. Revistas evangélicas já cultivam a nossa fogueira de vaidade.

## O neoliberalismo eclesial

Os evangélicos mundanizados passam a descer (e a não lutar por) em qualquer forma alternativa de organização social e econômica. O capitalismo vai-se tornando “natural”,

“inevitável”, “insubsituível” e, até, sagrado (vontade de Deus). O individualismo exacerbado se expressa na competição desenfreada, em que os vencedores são os eleitos de Deus (Teologia da Prosperidade) e os bens materiais que acumulam são recebidos como bênçãos dos céus para os “filhos do Rei”.

Uma igreja bem-sucedida não é aquela que faz discípulos, comprometidos com o projeto de Deus para a História, mas aquela que apresenta resultados numéricos, em termos de membros e de arrecadação. É a nova eclesiologia da igreja-empresa, algumas já funcionando em formas de “franquias”, com seus obreiros recebendo, como incentivo, uma porcentagem na arrecadação. Já se fala no “dom da arrecadação” como supremo dom.

No lugar da obediência, valoriza-se a eficiência. No lugar da santidade, valoriza-se a qualidade total. O culto, antes que um ato de adoração, é uma apresentação de produtos religiosos a serem consumidos. Bons (e caros) profissionais: apresentadores, cantores, músicos, pregadores, testemunheiros, devem ser contratados (com seus respectivos cachês) para que o produto final seja do agrado da exigente freguesia (digo, membresia).

Há uma variedade de produtos no mercado religioso, com a qualidade aperfeiçoada pela competitivi-



dade e mesmo pela abertura às importações. Cristãos “dinâmicos” (ex-empresários e ex-executivos), no exercício da livre iniciativa, vão criando suas microempresas eclesiásticas (Eu & Deus Ltda.), com compras de controle acionário, concordatas e falências. O que barateia o produto religioso é a sua massificação: simples, acessível, padronizado e de baixo custo.

Essas posturas não são privilégio de neopentecostais. Educandários evangélicos históricos são cada vez mais geridos a partir dos conceitos da reengenharia (leia-se demissão em massa de funcionários). Antes que a evangelização e o serviço, o que se busca é o lucro. Seminários teológicos estão deixando os alunos pobres oriundos do interior passando fome, enquanto fecham os refeitórios e terceirizam os serviços. No cerne dos seus currículos estão as disciplinas de “máctes” e “técnicas” para fazerem as igrejas crescer, desvalorizando-se as disciplinas de reflexão.

Por sua vez, o fenômeno da ado-

ção da Teologia da Batalha Espiritual por igrejas históricas tem acarretado fechamento das organizações internas (de senhoras, homens, jovens) para evitar a diferenciação e o questionamento, transformando os fiéis em massas uniformes, sem interação, sem solidariedade comunitária, colagem de indivíduos isolados (cada um por si e Mamom por todos).

A releitura das Sagradas Escrituras (e a sua exposição?), antes que transmissão de uma revelação que convoca os nascidos de novo ao serviço sacrificial no mundo (com os riscos de martírio), se preocupa apenas em agradar os fregueses que buscam “paz interior” e curtição espiritual (“gostei” do culto!).

Para fugir da História, promovem-se exercícios místicos e piruetas metafísicas contra demônios e, até, contra gnomos (uma igreja presbiteriana). Quem sabe, em breve, contra duendes e fadas... Como a carne é fraca e o bolso é forte, os profetas jogam a toalha, amaciam o tom do discurso e adotam o realismo (realpolitik).

## A “des-mundanização”

Descrevendo a situação da Igreja no Ocidente hoje, o bispo Leslie Newbiggin (aposentado da Igreja do Sul da Índia) a descreveu como “aprisionamento”. Para ele, o Islã está se valorizando por ser a única

força a se insurgir contra o neoliberalismo. E pergunta: Será a Igreja capaz de se libertar do neoliberalismo e de dar uma resposta que supera o Islã? Impactaremos outra vez a Civilização?

O caminho passa pela recuperação dos grandes temas teológicos do Cristianismo: Igreja e Reino, discipulado e doação, santidade e serviço, conversão e profetismo, amor e solidariedade. É um conflito de valores, de concepções e de projetos existenciais. O projeto do Reino de Deus e o do neoliberalismo são antagônicos e excluientes.

Quem terá a coragem de dizer isso à “geração shopping center” que faz devotas peregrinações Disney? Talvez os pastores voluntários ou de tempo parcial, e os grupos paraeclesiásticos possam de sempenhar um papel de minoria profética e de vanguarda do antemundanismo, por serem menos vulneráveis financeiramente. Isso porque a tendência de obreiros de tempo integral é de adotarem o discurso querido pelos “acionistas” (sócios mantenedores) das igrejas, crescentemente neoliberais confessos ou enrustidos.

Há um deserto místico-empresarial a ser atravessado. Desde o Egito que o Povo de Deus consegue fazê-lo, quando marcha. Nem sempre consegue tomar posse da terra prometida, porque adorou o bezerro de ouro. Aos Moisés e Arão de hoje não cabe o silêncio, mas a palavra. O Deus da História não abandonou o seu povo.

Robinson Cavalcanti é ministro anglicano e cientista político.

## Invista no tema

**FRANZ HINKELAMMERT.** *A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia*. São Paulo: Cesep/Vozes. 1989.

Aborda o caráter sacrificial do neoliberalismo e da idolatria do mercado.

**HUGO ASSMANN.** *Desafios e falácias: ensaios sobre a conjuntura atual*. São Paulo: Paulinas. 1991.



Estuda as implicações religiosas da própria economia de mercado, e questiona a possibilidade de uma sociedade sem ídolos e sacrifícios.

**JULIO DE SANTA ANA.** *O amor e as paixões. Crítica Teológica à Economia Política*. Aparecida/SP: Editora Santuário. 1989.

Estabelece comparações entre o discurso e prática da economia política com referenciais religiosos. Critica o custo social e o sacrifício estabelecido pelas leis do mercado internacional.

**JUNG MO SUNG.** *A idolatria do capital e a morte dos pobres: uma reflexão teológica a partir da dívida externa*. São Paulo: Paulinas. 1989.

Aborda o tema da idolatria e os limites de uma ética preocupada, quase que exclusivamente, com a intencionalidade subjetiva.

**JUNG MO SUNG.** *Se Deus existe, por que há pobreza? A fé cristã e os excluídos*. São Paulo: Paulinas. 1995.

Confronta a fé cristã em Deus (Amor) com a insensibilidade social do capitalismo, que gera exclusão e pobreza. Demonstra como a lógica do neoliberalismo propicia uma consciência tranqüila, na medida em que as leis do Mercado resolvem os problemas sociais.

**JUNG MO SUNG.** *Deus numa economia sem coração*. São Paulo: Paulinas. 1992.

Analisa a tarefa da evangelização na sociedade moderna, procura desvendar a lógica do mercado e sua idolatria e aponta alguns caminhos, no campo dos princípios, para o desafio da proclamação do Evangelho.

**MICHEL CAMDESSUS.** *O mercado e o Reino frente à globalização da economia mundial*. São Paulo: Newsweek. 1993.



Apologia ao neoliberalismo. Analisa o processo de mundialização apontando seus riscos. Em seguida, esboça os traços essenciais do Reino de Deus, objetivando conciliá-lo com a mundialização, doravante entendida como possibilidade de um mundo solidário e unido.

**PABLO BONAVIA & JAVIER GALDONA.** *Neoliberalismo y fe*.

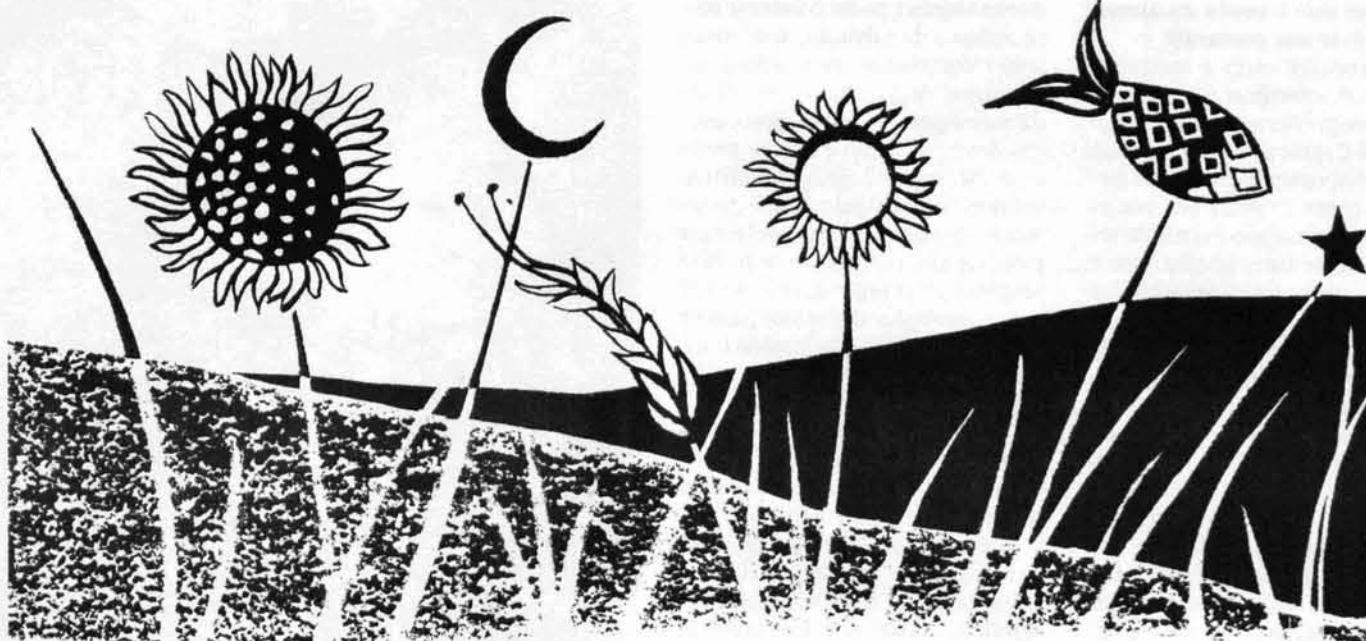
*cristiana*. Montevideu: Obsur. 1994. Aborda a crise dos projetos de transformação social, o neoliberalismo como justificativa ideológica da cultura da exclusão e as consequências para o compromisso cristão nos dias de hoje.

**PAULO FERNANDO CARNEIRO DE ANDRADE** e outros. *Neoliberalismo e o pensamento cristão*. Petrópolis: Vozes. 1994. Analisam o neoliberalismo do ponto de vista de uma ética iluminada pelo Evangelho e da Doutrina Social da Igreja e examinam os resultados concretos das políticas econômicas aplicadas sob inspiração neoliberal na última década.

**VÁRIOS AUTORES.** *Como proclamar Deus num mundo sem coração*. São Paulo: Clai-Brasil, e Rio de Janeiro: Cedi. Reúne reflexões teológicas-pastorais de especialistas sobre o tema da teologia e economia.

# Nos caminhos da Páscoa

Milton Schwantes



Martha Braga

Páscoa é jardim de muitas flores. Até há flor que a lembra: quaresmeira. É tempo colorido. Páscoa tem lá um algo de carnaval, de diversidade que se junta, se enfeita.

## Páscoa de flores e luas

No hemisfério norte, de onde nos vem a festa, ela está toda ligada ao renascer das plantas depois do inverno. Lá, pros nortes, é primavera.

A gente integrado a ritmos da natureza. É sua abundância que se comemora, com coelho e com ovos. Vigor, fertilidade é o que se deseja. Por isso, também a lua como símbolo. Isso da lua já anda meio perdido; como que só sobrevive na fixação da data da festa. Páscoa segue o ritmo da lua, desta luz misteriosa, namoradeira, de seus encantos e seduções.

Os antigos bem antigos do Antigo Testamento faziam a páscoa mesmo é de noite, ao luar, ao redor da fogueira, do assado, até o sol raiar, para então ir direto da festa à marcha da vida, do trabalho.

Que tal reinventar esta páscoa? ou, ao menos, algo dela?

É festa para a gente se reerguer por dentro da criação inteira. A lua a chamar. As flores a encantar. A comida — de ervas amargas, de massas e carnes — tudo na medida certa. É desse jeito que se lê a páscoa na Bíblia.

É possível que já nem nos demos conta dessa páscoa. Ficou perdida, porque pedras, asfaltos e sujos tietês ocupam os espaços. E, nós, até desejamos que tomem conta. E aí esse jeito natural, dizem uns, ecológico, falam outros, fica meio sem sentido. Até Deus vem tendo contornos de pedras e idéias. E somem as flores, se danam as matas.

Mas, páscoa, aquela da Bíblia, gente, é assim mesmo, com ázimos, com amargos condimentos, com carnes assadas, com luas a fazer sonhar.

Somos partes dessas luas cheias, dessas ervas todas, dessa natureza

que se ergue dentro de nós e a nosso redor.

Nós, crentes do Deus que tudo planta, que tudo põe sopros de vida, enfim que tudo cria, diremos páscoa é para a fé no Criador.

As asas que caem dos pássaros nos faltam n'alma!

Naquele distante dia, em que esquecemos que nossa santa páscoa é um ponto ecológico, esquecemos de nossas próprias primaveras.

## Páscoa dos livres caminhos

*Nós sofre, mas nós goza* — diz o povo por aí. Isso é pura teimosia. Porque essa gente toda bem mais sofre do que goza. Nem comer já come. Nem mora nem morre. E apesar disso goza.

Essa é mesmo a teimosia da páscoa.

Essa é a festa do “apesar de”, do “apesar de você”.

Lá no Egito, a economia mais avançada do planeta naqueles tempos antigos, há mais de mil anos antes de Cristo. Não havia coisa igual, pirâmide mais engenhosa em lugar algum.

Lá no Egito, o exército vinha por cima, pelo lado, por baixo. De toda parte os senhores faraós buscavam só os melhores para surrar, bater, matar, dia a dia, como se fosse hoje.

Lá no Egito, era casa de escravidão, senzala mesmo, favela direto. Não havia como sair de lá, nem pro lado, nem pra cima, nem por baixo.

Apesar de você...

Aqueles pobres hebreus, maltratilhos, chucros que só eles, em especial os homens amarrados, melindrados, medrosos.

Aquele seu líder Moisés, coragem lhe faltava por todos os poros. Carecia de língua boa. Estratégias até nem tinha.

Apesar de você...

Fizeram uns intentos, as mulheres salvando crianças. Os homens

tentando conversar, ser menos atraídos.

Criaram umas ilusões: ir ao deserto a caminho de três dias para fazer festa para Deus. No deserto? Festa? E depois de tudo comer, como voltariam?

“Apesar de” do tamanho do faraó, da pequenez dos próprios feitos — os hebreus se foram. Caminharam seus três dias. Foram gostando do deserto. Caminharam e caminharam, por trilhos quaisquer, por securas de morrer, por terras de só espinhos.

Páscoa são terras de livres caminhos para a liberdade. Quanto mais páscoa tanto mais liberdade.

Digo liberdade dessas drogas todas que te metem. Drogas de todos os jeitos, por cima, por baixo, pelo lado. Vá, droga.

Livres desses enganos mil para te engambelar pelas telinhas que já viram mais verdade que um prato de sopa.

Livre... as certezas só suas, lá dentro e por fora, descrente da suposta eternidade da injustiça.

Não há mesmo faraó que goste de páscoa. Se gostar, é porque já não é páscoa que se festeja, ter-se-ia feito de novo casa da escravidão.

## Mortes morrendo

*Prá tudo há jeito, só não prá morte* — diz-se pelos cantos de sisudos olhos.

Parece verdade o que é mesmo desespero.

Se a morte fica, o resto também fica. Essa conta não dá diferente. É, meu amigo, o resto também fica, se fica a morte.

Por isso, a pena de morte. Já nem penso naquela dos norte-americanos. E aquela deles lá de cima já é horrível. Penso naquela pena de morte tupiniquim, nossa, aqui por todas as partes, do Chuí ao Oiapoque. São muitos todos os dias que de muitas maneiras se liquidam, pena de morte cotidiana.

Se a morte fica, o resto fica.

Você entenda. Apostou na morte, tudo fica fossil. Morte vira sorte.

Os algozes de Jesus, o Nazareno, filho de Maria e irmão de tantos irmãos/ás, jogaram sua ficha na morte. “Se acabarmos com este filho de carpinteiro trabalhador, acabamos com a raça dele. Por razão de Estado: fará bem um a mais no pelourinho da cruz, outro a mais em vala comum.”

A matemática deu zebra. Jesus agonizou. Mas também a morte se estatelou. Nele morria a morte, os próprios senhores da morte.

Eis o segredo do milagre: o vencido e morto deu morte à morte.

E, agora, nada mais precisa ficar como é, como era. Acabou o mundo, diriam os antigos. Apagou-se luz e sol, à hora sexta, à tarde. E até acabou mesmo. Acabou o mundo.

A morte se perdeu. Ela, a morte, foi pra lata de lixo, e do lixo brotou a mais fina das flores: a Vida inteira, completa, sem fim.

Agora, nada do que valia, vale a pena. Criar a fome no mundo, para que poucos comam tudo e todos se alimentem de envenenadas comidas, de pratos vazios. Gente, isso acabou. Quem apostava nessa loteria, danou-se.

Agora, acabaram as prisões feitas amontoadas. Já não precisa disso. Nem sentido faz. Por lá, nas prisões, andaram Jesus e Paulo. Prisões como lixeiras — que doideira.

Enfim, flores melhor que canhões.

Páscoa, é demais essa festa!

## Símbolos da Páscoa

Trigo, peixe, ovo, pelicano, girassol, borboleta. Vários símbolos lembram a Páscoa e a vitória da vida sobre a morte, realizada na ressurreição de Jesus Cristo. Confira alguns deles e o que significam.

O peixe é o mais antigo da Era Cristã. As letras que formam a palavra “peixe” em grego são as iniciais de uma afirmação muito importante para os cristãos de todas as épocas: “Jesus Cristo, Filho de Deus é nosso Senhor”. O peixe era também usado como senha. Por meio da figura os cristãos se identificavam nos tempos difíceis de perseguição pelos quais passou a Igreja.



O pelicano simboliza o sacrifício de Cristo na Cruz. Conta-se que ele fere o próprio peito para alimentar os filhotes com seu sangue.



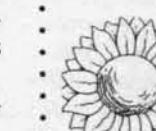
A borboleta surge depois que a lagarta se transforma e rompe o casulo. Essa transformação também nos ajuda a transmitir a mensagem da ressurreição, da nova vida.



O trigo, mesmo depois de quebrado, e as uvas, mesmo depois de pisoteadas, não são destruídos. Pelo contrário, são transformados em pão e vinho, os dois alimentos mais importantes para a vida dos judeus no tempo de Jesus. Jesus também, como nos diz o profeta Isaías, foi “quebrado” e “moído”, mas continua a ser a força do seu povo.



A cruz e o túmulo vazio simbolizam a morte sacrificial de Jesus e sua vitória na ressurreição.



O girassol e outras flores amarelas e brancas expressam o ouro da realza de Cristo e a paz por ele conquistada. O girassol tem significado especial, pois como sua corola se volta para o sol, nós devemos nos voltar para o Cristo ressuscitado.

Fonte: Boletim Recriar. Igreja Metodista. nº 1, 1997.

Milton Schwantes, teólogo e biblista luterano, integra a equipe de KOINÔNIA Presença Ecumênica e Serviço e é professor do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião em São Bernardo do Campo/SP.

# “O Evangelho deve ser aberto para todos”

**Em agosto passado, faleceu em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, dom Adriano Hipólito. Os cristãos pela paz e pela justiça perderam um grande valor, sempre envolvido na luta pelos direitos dos mais empobrecidos, na busca de dignidade de vida. Com vocação ecumênica, suas idéias sempre foram avançadas e representaram estímulo para as pessoas. CONTEXTO PASTORAL traz na seção “Memória” uma entrevista que o bispo concedeu em 1971, falando de religiosidade popular, participação dos cristãos na política, ecumenismo, conversão e outros temas.**

**Como o senhor vê a expansão de cultos populares como Umbanda e Assembléia de Deus entre o povo?**

A Assembléia de Deus e a Umbanda têm uma notável qualidade de nivelação com as camadas simples da população. Por isso também a facilidade de acolhida, uma capacidade muito grande de aceitação de parte das pessoas, porque a pregação é naquela linguagem popular, que estabelece logo uma situação de identidade entre o pastor, o pregador e os fiéis, os crentes. Essas formas de culto popular têm uma força muito grande, não tanto pela forma ou pelos ritos, mas pela sua maneira acessível.

**Segundo o seu pensamento, tais cultos populares estão oferecendo melhores perspectivas ao povo do que a Igreja Católica e as comunidades protestantes tradicionais?**

É. Na Igreja Católica o problema ficou muito mais grave porque nós reduzimos a comunidade à igreja-massa, com impressão de que os sacramentos, por si mesmos, produzem todos os efeitos. Não pensamos mais nesse contato pessoal, mas ainda porque o padre, absorvendo toda a responsabilidade, não se pode dar nem entregar pastoralmente e falta comunicação. A experiência de comunicação da Assembléia de Deus, da Umbanda, nós a podemos realizar: criamos pequenos grupos que recebem, que apóiam, e dão à pessoa que vem à igreja sensação de fraternidade, de segurança. Acho que essa é a única pista possível de renovação da nossa pastoral.

**Qual tem sido o modo da diocese desenvolver sua pastoral?**

A primeira coisa é formação. Também desclarificar o trabalho da igreja, porque durante muito tempo, na Igreja Católica, se confiou quase que exclusivamente o trabalho pastoral ao padre. O padre era, por assim dizer, o princípio e o fim do trabalho; o leigo fazia biscate. Isso é, primeiro, um erro teológico profundo, porque pelo batismo, pelo crescimento da graça de Deus em nós, se cria em todos uma situação de responsabilidade não apenas de receber mas também de dar, e esse dar é, em si, a pastoral. Esse dar Cristo, levar Cristo, é pastoral: anunciar o mistério da salvação. Mas se eu limito isso ao padre, esse padre, por mais que se multiplique, se sacrifique, se mate, se desgaste, não consegue atingir. Essa observação se aplica aos pastores evangélicos, é claro, mas conosco o problema é muito mais sério.

**E do ponto de vista prático?**

Do ponto de vista pastoral prático, há a impossibilidade de se atingir. Ora, não se leva a mensagem sem se atingir pessoa a pessoa. Isso é indiscutível. Nunca deveremos deixar a palavra face a face, a nossa fraternidade, o nosso relacionamento de irmãos. O sermos irmãos se transmite em todos os aspectos da nossa personalidade. Quando nós nos comunicamos, essa comunicação é feita através de gestos, do olhar, da posição social que substitua esse contato pessoal. (...) É preciso que haja uma identificação muito maior entre aqueles que anunciam e aqueles a quem a palavra de Deus é anunciada. Somente assim é que nós poderemos conservar a comunidade, igrejas, fiéis mais ou menos estáveis.

**O senhor não acha que, mesmo assim, há o perigo dessas comunidades se tornarem grupos fechados com a única preocupação de anunciar a Palavra?**

Há sempre o perigo do grupo fechar-se. O Evangelho não aceita que o grupo se isole, que se feche e deixe de ser a mensagem aberta para todos. Há sempre o perigo de as igrejas cristãs — quando chegam a uma fase de grande vivência — se fecharem. Fora esse perigo, a solução para mim seria formação de comunidades que recebem, que atuem como irmãos para aqueles que nos procuram. Sem a preocupação da conversão em primeiro lugar. Nós somos instrumentos de conversão, nada mais: depois de fazermos o que devemos, não passamos de servos inúteis. Os protestantes põem uma insistência grande na conversão. Eu digo isso com simplicidade, sem qualquer crítica. De fato é o Espírito Santo que converte no diálogo de amor com a pessoa que se abre. A conversão se dá aí. Nós somos apenas instrumentos. Instrumentos humildes, frágeis, vasos frágeis. Então,

minha alegria é poder colaborar nesse anúncio da salvação, sem nunca poder determinar, nem nunca me preocupar demais com o resultado da mensagem. A minha preocupação deve ser: como é que eu prego essa mensagem? como identifico também a mensagem com o testemunho da minha vida? Assim é mais provável que a conversão se dê. Não devemos viver preocupados demais com o resultado. O Espírito Santo é realmente o gerente da história toda, somos modestos empregados. (...)

**No trabalho pastoral, o senhor sente a necessidade de que o povo tome consciência de sua situação política para poder agir?**

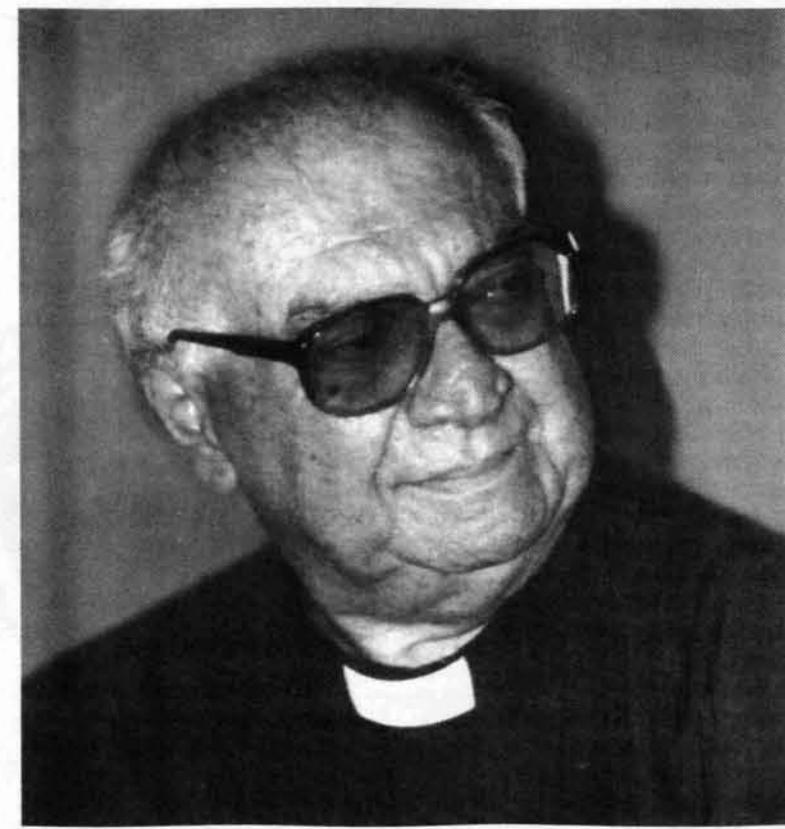
Aqui há uma dificuldade porque, no exercício de missão profética da Igreja, a gente deve conscientizar católicos, cristãos e não-cristãos para a sua dignidade de pessoa humana, depois para a sua missão dentro do plano do amor de Deus que “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade”. (...) Agora, um problema sério é que toda a promoção do bem-estar, do bem comum, se faz certamente através da política. Mas quando a gente olha a nossa paisagem política, os políticos, e acompanha a atuação deles, a gente se decepciona. O comportamento deles para conquistar votos, a demagogia, o primarismo aqui é uma coisa lamentável. (...) É lamentável que, depois de tanta experiência dolorosa, depois de tanta humilhação, a classe política ainda não se tenha encontrado, ainda não tenha refletido sobre a finalidade da política que é a promoção do bem comum.

**Não seria isso exatamente porque ao povo tem sido negada, no passado e agora, a tarefa política?**

Poderíamos dizer isso. Essa tarefa política tem sido negada não só agora, porque — olhando toda a evolução dos partidos — a gente percebe que nunca se pensou em conscientizar os partidos. Só se pensa no povo na hora da eleição. O povo que dá o voto é conhecido apenas nas vésperas da eleição e a conquista de votos é feita pelos recursos mais primários. Nunca houve esforço de conscientização política. Os políticos não dizem: “Queremos que o povo dê seu voto consciente”. Não. O que pensam é: “Queremos gente que seja manipulada”.

**O senhor acha que nessa ação de pastoral há implicações políticas?**

Política da promoção do bem comum sim, política que leva o homem a refletir sobre a sua dignidade e a reivindicar seus direitos. Isso é nossa obrigação na pastoral. A conscientização para os direitos da pessoa humana, para as suas reivindicações, para a justiça social, isso é política, mas pertence essencialmente ao Evangelho, e não vejo como a pastoral pode escapar a esse dever. Ou então se faz uma pastoral



Dom Adriano Hipólito defendeu os perseguidos políticos

desencarnada, que não resolve nada. Tenho certeza de que isso é negação do Evangelho. (...)

**Queríamos saber sobre sua experiência ecumênica na diocese.**

Tenho uma abertura total porque creio que a mensagem do Evangelho supõe necessariamente em nós uma total liberdade de aceitação. Liberdade com que Cristo nos libertou. É a grande novidade que somos pessoas humanas, nos colocamos diante do Pai como filhos, podemos estabelecer um diálogo com o Pai. Por isso não é possível a gente forçar ninguém a uma forma determinada de cristianismo. É do espírito do nosso tempo, graças a Deus, esta aproximação das igrejas. Eu tenho feito, imperfeitamente sem dúvida, umas tentativas de aproximação humana e cristã, com o pensamento do movimento ecumônico. Geralmente tem sido possível fazer uma visita, ter uma conversa. Em alguns lugares o pastor também me convidou para dizer umas palavras a um grupo da comunidade. Noutros lugares convidaram alguns pastores para juntos conversarmos, sempre numa atmosfera boa. A participação maior foi sempre da Assembléia de Deus, com aquela movimentação, aquela espontaneidade, aquela simplicidade. Fora disso, não consegui muito.

Tenho esperanças de que a partir desses mesmos encontros, talvez nasça alguma coisa. Eu não penso, de maneira nenhuma, em converter ninguém. Em uma visita a uma comunidade evangélica disse certa vez: “Eu não vim aqui para ser convertido nem para converter, vim aqui para um encontro fraterno, somos irmãos”.

**Uma vida dedicada aos pobres**

Dom Adriano Hipólito, bispo emérito da Diocese de Nova Iguaçu (RJ), que morreu em agosto de 1996, pautou todo o ministério pastoral na opção preferencial pelos pobres. Sua atenção e apoio foi, sobretudo, para os que buscavam, na organização e na luta pelos direitos, a construção de uma vida mais digna: os perseguidos políticos, os moradores de conjuntos habitacionais ameaçados de despejo, o povo dos mutirões, as associações de bairros, os sindicatos, as empresas domésticas, etc.

Por sua coragem e ousadia de pastor e profeta, pelo arriscar-se, dom Adriano teve que pagar um preço muito alto. Em 1976 foi vítima de sequestro, e em 1979 uma bomba explodiu o sacrário da Catedral de Nova Iguaçu. Nordestino de Aracaju (PE) e legítimo representante da Teologia da Libertação, ele esteve presente nos grandes momentos da Igreja na América Latina, como o Concílio Vaticano II (Medellín) e a Conferência Episcopal Latino-Americana em Puebla, no México. Aposentado desde 1995, dom Adriano ainda pregava e escrevia o livro “Memórias de um bispo na Baixada”, autobiografia que não chegou a concluir.

# Educar para a Missão: é possível?

Claudio de Oliveira Ribeiro

Por muitas décadas, a educação teológica no Brasil tem se encontrado em profunda crise. Isto se dá por diferentes fatores, cuja limitação do espaço desta reflexão não permite total elucidação.

No entanto, é possível identificar, no que tange ao contexto protestante, algumas das mais importantes razões desta crise. Historicamente, os estudiosos têm destacado: o antitelectualismo da tradição puritana e pietista, em especial nas conformações doutrinárias ocorridas nos Estados Unidos da América; a profunda influência do fundamentalismo; a atmosfera de repressão ideológica gerada no País pelos governos militares e pelos grupos afinados com estes no interior das denominações eclesiásticas; o isolamento das igrejas brasileiras em relação ao movimento ecumênico internacional e a quase total dependência delas aos setores mais conservadores do protestantismo norte-americano; e a centralidade das ações evangelizadoras nos setores médios da sociedade, com reprodução irrefletida dos modelos utilizados pelos missionários em seus países de origem a partir dos valores e das perspectivas morais desses setores, desconsiderando os padrões cultural e religioso brasileiros.

Após mais de um século e meio de estabelecimento das denominações evangélicas no Brasil, a noção de teologia como um processo de reflexão sobre a realidade na perspectiva da fé bíblica ainda não reuniu as condições necessárias de desenvolvimento. Com exceção de poucos seminários e faculdades de teologia que são capazes de manter um nível acadêmico equivalente aos da Europa e dos Estados Unidos, há centenas de instituições no País que não correspondem nem mesmo ao título de "seminário teológico" no tocante às condições acadêmicas, tamanhas a precariedade e a vulgarização das propostas de ensino teológico. Tais grupos reduziram a educação teológica a um tipo de "fábrica de diplomas", oferecendo aos estudantes apenas uma credencial burocrática para que sejam aceitos como profissionais do pastorado.

O fundamentalismo e o movimento carismático são duas tendências dominantes na vida das igrejas e na orientação básica do ensino da maioria dos seminários teológicos. Este panorama tem criado uma nova situação que revela a inexistência de uma visão especificamente teológica e, portanto, gera uma incapacidade de se criar uma perspectiva crítica do contexto nacional. Isso significa que, nas duas últimas décadas, as igrejas não puderam ter uma compreensão adequada de seu próprio papel sociocultural em face das complexas mudanças ocorridas na sociedade brasileira nas últimas décadas.

## A teologia entre o cativeiro e a criatividade

Outra limitação da teologia é o seu aprisionamento por parte das igrejas. O eclesiocentrismo da produção teológica tem-lhe imposto danos irreparáveis. Em primeiro lugar, pela primazia da preocupação confessionalista em detrimento de uma perspectiva acadêmica mais ampla. As agendas de cada igreja em particular são reforçadas, enquanto as questões relevantes da humanidade e da sociedade são deslocadas para um plano secundário.

Em segundo lugar, está a própria competição entre as igrejas, que mobilizam boa parte dos quadros pensantes para refletirem apenas sobre as estratégias de autopreservação e/ou de busca da hegemonia religiosa. Em terceiro lugar, os danos decorrentes do não-estímulo a uma perspectiva plural, criativa e livre. Outros espaços e formas de produção teológica precisam ser privilegiados, especialmente em parcerias com as próprias igrejas e outros centros, com vistas a responder às diferentes demandas que a sociedade impõe.

## Teologia e pastoral: um casamento perfeito?

O terceiro grande desafio é a formulação de uma teologia pastoral que possa responder, ao menos, a dois aspectos: (1) as inquietações dos estudantes com as teorias teológicas de pouca ressonância em suas práticas; (2) a perplexidade da pastoral pela ausência de novos referenciais analíticos.

Os que passam por processos de formação teológico-pastoral, tanto nas instituições formais de ensino como em projetos pedagógicos não-formais, são como produtos numa linha de montagem. As experiências de conhecimento e de espiritualidade deles não são valorizadas. Por outro lado, os que historicamente rejeitaram a teologia acadêmica também trabalham no esquema da "linha de montagem". Fazem treinamentos de como ter sucesso na atividade pastoral. No máximo, sacralizam experiências de espiritualidade e concepções religiosas dos que se formam e não incentivam o conhecimento crítico.

Desta forma, ao mesmo tempo que nos distanciamos das teologias conservadoras e avivistas cada vez mais em moda, procuramos romper com a teologia liberal na qual que ela tem de ultrapassado e de pouco relevante para os desafios pastorais. Trata-se de assumir, entre outros pontos, que o projeto da modernidade, no tocante à racionalidade científica, encontra-se esgarçado e que a necessidade de aprofundamento da reflexão e das práticas de espiritualidade não significa reafirmar individualismos e dualismos inerentes às igrejas institucionalizadas.

## O cotidiano das comunidades

Para o exercício teológico, um dos desafios seria intuir uma metodologia capaz de contribuir para "tornar críticas as atividades já existentes". Seria atenuar o ímpeto inovador próprio dos grupos pastorais chamados progressistas, por um lado, e não se

conformar com a mesmice pastoral das igrejas, por outro.

No esforço destas duas demandas está a urgência da teologia pastoral. Esta oferece critérios teóricos de avaliação e formulação de um projeto pastoral que possa responder às demandas que a sociedade apresenta para as igrejas e para os cristãos e traz à tona o que de concreto tem sido experimentado por estes — especialmente com as contradições e as limitações destas práticas.

A inserção eclesial nos faz visualizar as questões que, de fato, tocam a existência das pessoas. Quais são as inquietações do povo que participa das igrejas? Quais são as perguntas deles, os valores, a compreensão do mundo e da fé? Como estão agindo ante a conjuntura social, política e econômica? Isto requer

muita convivência, sensibilidade, diálogo.

Todavia, há outra necessidade. Trata-se das tentativas de compreensão da estrutura social, em nível macro, ou seja, as dimensões econômicas, a formação de valores e de culturas, as formas de ação política. Isto não se alcança "ouvindo o povo". São necessárias as famosas "análises globais". Todavia, importa identificar as implicações desses pontos no cotidiano das pessoas e dos grupos, especialmente na formação da consciência religiosa deles. Essa mediação, articulada com a reflexão bíblico-teológica, pode criar canais de melhoria de qualidade de vida e de vivência da fé.

Claudio de Oliveira Ribeiro, pastor metodista, integrante de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

## As igrejas mobilizam parte dos quadros pensantes para refletirem apenas sobre as estratégias de autopreservação ou de busca da hegemonia religiosa



Professores e alunos trocam idéias no primeiro dia de curso

## KOINONIA inicia curso de pós-graduação em Teologia

Teve início em fevereiro, no Rio de Janeiro, o primeiro módulo do curso de pós-graduação lato sensu em Teologia. A iniciativa faz parte do projeto Educação para a Missão, uma cooperação internacional em educação teológica entre McCormick Theological Seminary (Chicago-EUA) e KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço (Brasil). Esse esforço é fruto de um desejo de promover um processo de intercâmbio e de criatividade na reflexão teológica que

respeite as particularidades socioculturais, assim como as questões comuns, dos diferentes grupos e comunidades participantes.

Nessa iniciativa estão participando professores do Brasil e dos Estados Unidos, com densa experiência no campo acadêmico.

A primeira etapa, com ênfase nas questões sobre religião e cultura, integrou 25 alunos, procedentes de diferentes confissões e igrejas e de todas as re-

giões do País. As disciplinas oferecidas foram: Religião no Brasil, Teologia e Bíblia, Teologia e Cultura, Teologia e Religião, Religião e Sociedade e Fé e Política.

O curso é ministrado em regime intensivo, em três módulos, e deve continuar nos meses de fevereiro de 1998 e 1999, também no Rio de Janeiro. No decorrer dos módulos e nos interregnos destes, os alunos recebem orientação e supervisão para monografia final do curso.

Arquivo de KOINONIA

# Alegria da ressurreição: Para celebrar a Páscoa

Maria Luiza Ruckert

## ACOLHIDA

**Prelúdio** (instrumental ou coral)

*Sugestão de pré-lúdio coral: "Glória" (Comunidade de Taizé)*

*Glória, glória, glória a Deus nas alturas.*

*Glória, glória, paz entre nós, paz entre nós.*

**CELEBRANTE:** "A paz do Senhor, a paz do Ressuscitado, a paz do Senhor a ti e a mim, a todos alcançará."

**COMUNIDADE:** "A paz do Senhor, a paz do Ressuscitado, a paz do Senhor se faz presente agora e aqui."

**CELEBRANTE:** Felizes os homens e mulheres que se apóiam na força de Jesus Cristo Ressurreto!

**COMUNIDADE:** "Ao passarem por um vale seco, eles o transformam, como a chuva da primavera, que faz renascer as fontes."

## ADORAÇÃO

**Cântico comunitário:** "Canto de esperança" (Esther Cámac e Edwin Mora)

*Quando se abate a esperança, Ele se afecha e nos fala: Olha tua irmã que caminha e luta buscando um mundo melhor. Vê teu irmão engajado, que transforma a vida com sangue e suor.*

*Cantemos ao nosso Deus, Ele é o Senhor, Deus da vida. Vai alentando a esperança e veio a este mundo conosco lutar. Quando se abate a esperança, Ele se afecha e nos fala: Vai procurar tua irmã pra juntar-se a ela no esforço da paz.*

*E a teu irmão vai unir-te na luta da vida que o mundo refaz. Quando se abate a esperança, Ele se afecha e nos fala: Bem junto a mim continuem. Permaneçam firmes, que firme estarei. Fiquem comigo na luta, que força e vitória lhes concederei.*

**Oração de gratidão e adoração (por um(a) jovem)**

**CELEBRANTE:** A Páscoa é o acontecimento que interliga os dois Tes-

tamentos, o Antigo e o Novo, e revela com toda clareza a vontade de Deus: liberdade e vida abundante. Até hoje, a ressurreição acontece e faz o povo de Deus experimentar a presença libertadora de Deus e cantar:

**COMUNIDADE:** "Quem nos separará, quem vem nos separar do amor de Cristo?"

**CELEBRANTE:** Nada, ninguém, poder nenhum é capaz de neutralizar a força, a vida que recebemos de Jesus Cristo Ressurreto. Aleluia!

## Cântico comunitário

"Vós, criaturas de Deus Pai" (William Henry Draper)

*Vós, criaturas de Deus Pai, todos erguei a voz, cantai Aleluia! Aleluia!*

*Tu, sol dourado a refugir. Tu, lua em prata a reluzir, Oh, louvai-o! Oh, louvai-o!*

*Aleluia! Aleluia! Aleluia!*

*Tu, brisa amena a bafejar, vós, nuvens que paraísls pelo ar.*

*Oh, louvai-o! Aleluia!*

*Tu, linda aurora em teu albor; tu, suave acaso multicolor.*

*Oh, louvai-o! Oh, louvai-o!*

*Aleluia! Aleluia! Aleluia!*

*Vós, homens sábios e de bem, vós, todos proclamai também;*

*Aleluia! Aleluia!*

*Amor ao filho, glória ao Pai, e a Deus Espírito honra dai.*

*Oh, louvai-o! Oh, louvai-o!*

*Aleluia! Aleluia! Aleluia!*

## CONFESSÃO E RECONCILIAÇÃO

**Convite à reflexão:** Leitura de João 11:17-27.

**CELEBRANTE:** "Jesus afirmou: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim nunca morrerá." Nós realmente cremos nisso?

## Silêncio

### Confissão

**CELEBRANTE:** Quem somos nós, Senhor, para anunciar os teus maravilhosos feitos e a tua vitória sobre a morte? Como cantaremos a tua

canção numa terra estranha? Como seremos testemunhas do teu amor absoluto, quando a nossa vida é marcada por tantas contradições?

**COMUNIDADE:** Cremos em tua Palavra, mas nossas mentes estão bloqueadas por temores, preconceitos e incertezas. Confiamos em tuas promessas, mas nossos corações estão desesperançados.

**CELEBRANTE:** Tu és a porta aberta e, no entanto, continuamos prisioneiros(as). A tua paixão e morte nos curam e nos redimem e, no entanto, continuamos enfermos(as) e abatidos(as).

**COMUNIDADE:** Nossa Senhor crucificado e ressurreto: Vem, transforme nossas cargas e jugos em liberdade, alegria e louvor sem fim. Senhor, tem piedade de nós.

**CELEBRANTE:** Senhor, nós cremos... Ajuda-nos em nossa falta de fé. Amém.

## Cântico comunitário de alento:

"Povo que és peregrino"

*Povo que és peregrino, buscas a libertação. (Bis)*

*Ergues teus olhos ao alto, ao teu Senhor, teu perdão. (Bis)*

*A terra que te prometo terá leite, terá mel. (Bis)*

*Lembra-te dela, meu povo, se a injustiça for fel. (Bis)*

*Atravessando o deserto, faz da tua sede a esperança. (Bis)*

*Supera todo o cansaço, olha a terra prometida. (Bis)*

*Povo que tens como herança Cristo que ressuscitou. (Bis)*

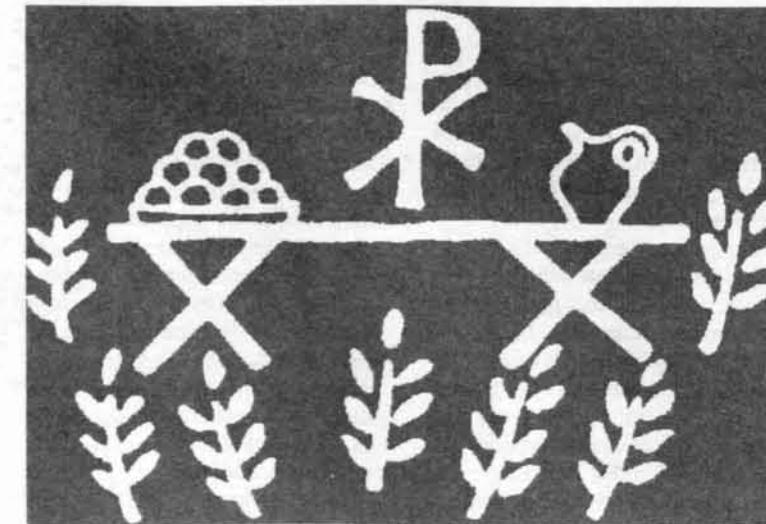
*Rompe os caminhos do medo, novo sol já despontou. (Bis)*

*Se a noite for prolongada e não houver mais luar. (Bis)*

*Pensa que são como estrelas os sulcos dos passos teus. (Bis)*

## Graça e reconciliação

**CELEBRANTE:** "Antes, vocês estavam longe de Deus e eram inimigos dele por causa das coisas más que faziam e pensavam. Mas agora, por meio da morte do seu Filho, Deus fez de vocês seus amigos para trazê-los à sua presença dedicados a ele, sem mancha e sem culpa. É claro que vocês devem continuar fiéis sobre um alicerce firme e



seguro, não se afastando da esperança que receberam quando ouviram a Boa Notícia do Evangelho."

## LOUVOR

### Cântico comunitário

"Chegou a Páscoa" Autor/a desconhecido/a

*Chegou a Páscoa, que alegria!*

*Vamos cantar felizes. Aleluia!*

*Porque Jesus, que nos amou, morreu mas já ressuscitou.*

*Vamos cantar felizes. Aleluia!*

*Aleluia, aleluia.*

*Vamos cantar felizes. Aleluia, aleluia!*

*não virá a espiga chegar a mesa. Se o grão resistir ao vento e à chuva,*

*não terá o vinho o vigor da uva. Se o grão não morrer na mó do moinho,*

*o corpo estará cada vez mais sozinho.*

*Se o grão se entregar à força do pão,*

*convívio haverá na ressurreição.*

## INTERCESSÃO

**CELEBRANTE:** Num mundo tão fortemente marcado pelos poderes da morte, a Páscoa nos anima a construir comunidade a serviço da vida.

## Breves orações intercessórias

### ENVIO E BÊNÇÃOS

#### Cântico comunitário de envio

"A paz do Senhor" (Andres Runth)

*A paz do Senhor, a paz do Senhor, a paz do ressuscitado, a paz do Senhor a ti e a mim, a todos alcançará.*

*A paz do Senhor, a paz do Senhor, a paz do ressuscitado se faz presente agora e aqui.*

*Aprenda-te a receber-lá.*

*A paz do Senhor, a paz do Senhor, a paz do ressuscitado*

*não pode viver trancada em ti.*

*Dispõe-te a compartilhá-la.*

## Agenda

### Curso de Ecumenismo

*De 9 de junho a 5 de julho, em São Paulo/SP. Promoção: Cesep, com apoio de Conic, Clai, Koinonia, Mofic e Cedra. O avanço da consciência e do movimento em favor da unidade tem marcado a vida das igrejas e cristãos. O curso procura contribuir para o aprofundamento do ideal ecumênico e para a compreensão dos problemas atuais.*

### Nono Encontro Intereclesial de CEBs

*De 15 a 19 de julho, em São Luís/MA. Promoção: Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Tema: Cidadania — Perspectivas para o novo milênio. O curso faz parte do Programa Ecumênico de Formação de Líderes. Inscrições até 10 de junho. Vagas limitadas. Informações: Ceca (tel: 051 568-2548).*

### Curso Latino-Americano para Militantes Cristãos

*De 28 de abril a 17 de maio, em São Paulo/SP. Promoção: Cesep. Em todos os países da América Latina e do Caribe, cristãos vêm assumindo tarefas de liderança em diversos setores, exigindo uma formação que os ajude a compreenderem a situação e a responder a seus desafios, à luz da fé cristã.*

### Curso de Inverno

*De 24 a 27 de julho, em Porto Alegre/RS. Promoção: Ceca/Cebi-RS/ PPL, com apoio das Igrejas Católica, Anglicana, IECLB e Metodista. Tema: Cidadania — Perspectivas para o novo milênio. O curso faz parte do Programa Ecumênico de Formação de Líderes. Inscrições até 10 de junho. Vagas limitadas. Informações: Ceca (tel: 051 568-2548).*